

Não tem o menor respeito pelo Brasil

Após 550 mil mortos,

o Capitão Cloroquina

volta a atacar vacina

Fabio Rodrigues Pozzebon - ABr



Santos Cruz exige aplicação da lei em quem ameaça as eleições para “causar tumulto”

O general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência, afirmou que as ameaças às eleições de 2022 no Brasil, propaladas por Jair Bolsonaro, são frequentemente repetidas por autoridades que fazem parte do núcleo duro do governo. “A Justiça tem que exigir dessas pessoas a responsabilização legal para o que elas estão fazendo”, disse. Para ele, “tem que ser contundente, tem que ser forte nas respostas, e tem que aplicar a lei”. **P. 3**



Diz que não coordenou o combate à pandemia porque ‘não deixaram’

Agora que a CPI está reunindo provas de que o desastre que se abateu violentamente sobre o país - levando a mais de 550 mil mortes - é culpa de Bolsonaro, de sua sabotagem às vacinas, do desprezo pela vida, sua briga para promover aglomerações, seu

desdém ao uso de máscaras e da propaganda de droga ineficaz para tratar a Covid, ele inventa que foi ‘impedido de atuar’. Disse no domingo que se “tivesse coordenado a pandemia, não teria morrido tanta gente”. E, de quebra, atacou as vacinas e defendeu o ato antissocial de não se vacinar. **Página 3**

Repúdio a Bolsonaro volta às ruas em todos os Estados e DF



Wander Roberto - COB

Pela quarta vez no último período, milhares de manifestantes se reuniram na Avenida Paulista contra o governo federal e pediram o impeachment de Jair Bolsonaro, no sábado, 24 de julho. Além de São Paulo, o povo foi às ruas em centenas de cidades do país e várias do exterior, organizados por entidades estudantis, movimentos sociais, partidos políticos e com a presença das centrais sindicais, exigindo rapidez na vacinação e rechaçando a política assassina e corrupta de Bolsonaro na pandemia. **Págs. 3, 4 e 7**

Bolsonaro se encontrou com deputada nazista

Bolsonaro se encontrou com Beatrix von Storch, deputada do partido Alternativa para a Alemanha (AfD), investigada pelo serviço de inteligência alemão por propagar ideias nazistas, xenofóbicas e extremistas. Ela é neta do ministro das Finanças de Adolf Hitler, Lutz Graf Schwer. O encontro foi na semana passada, mas ela publicou uma foto do encontro só na segunda-feira (26). **Pág. 3**

Intelectuais e líderes mundiais cobram o fim do bloqueio a Cuba, em carta a Biden

Sob o título “Deixe Cuba viver”, 440 intelectuais, clérigos, artistas, líderes políticos e ativistas de todo o mundo publicaram na sexta-feira uma carta aberta ao presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, no jornal The New York Times, exigindo que ele levante imediatamente o bloqueio a que a Ilha é submetida e que já dura seis décadas. **Página 6**



Fila para doação de ossos em Mato Grosso expõe a explosão da fome no país

A doação de pedaços de ossos em um açougue de Cuiabá, Mato Grosso, tem formado filas cada vez maiores. Para enfrentar a situação, a proprietária ampliou a distribuição da sobra da desossa de boi de uma para três vezes por semana. Com o desemprego atingindo milhões, a renda em queda e os preços subindo, a fome tem batido forte à porta dos brasileiros. Desde o início da pandemia, o arroz ficou 56,05% mais caro e o feijão preto subiu 71,82%. **Pág. 2**

Rayssa Leal, a mais jovem medalhista olímpica brasileira

Rayssa é a atleta mais jovem da história do Brasil a subir ao pódio em Olimpíadas. Aos 13 anos e 203 dias, ganhou a medalha de prata no skate street, nas Olimpíadas de Tóquio. **Página 4**

EUA: 99,5% das mortes por Covid são de não vacinados

Fila por doação de osso expõe a explosão da fome no país



Com o crescimento da fila, dona do açougue ampliou a distribuição da sobra da desossa do boi de uma vez para três vezes por semana



Indústria de transformação perde ainda mais participação no PIB

A participação da indústria de transformação na composição do PIB (Produto Interno Bruto) do país nunca foi tão baixa, evidenciando um processo de desindustrialização que se acentuou durante a pandemia.

De acordo com levantamento do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV), a participação do setor manufatureiro atingiu mínimas históricas no primeiro trimestre de 2021. O peso da indústria de transformação caiu para 11,30% do PIB em 2020, patamar mantido no início deste ano. Trata-se do menor percentual desde 1947, quando deu início a série histórica das contas nacionais calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2019, a participação percentual era de 11,79%.

Para efeitos comparativos, a participação da indústria de transformação, em seu auge, chegou a 24,5% do PIB em 1985 – ou seja, de lá para cá, encolheu para menos da metade. A deterioração mais evidente foi observada a partir dos anos 2000, período que coincide também com o aumento de espaço do setor agro-

pecuário no país.

A participação da indústria geral (que inclui também extrativa, construção civil e atividades de energia e saneamento) no PIB caiu de 21,4% em 2019 para 20,4% em 2020 e nos 3 primeiros meses deste ano. Também nova mínima.

De acordo com os economistas da FGV, a perda de relevância da indústria nas economias é um fenômeno mundial. Contudo, a situação do Brasil é tida como um processo de “desindustrialização prematura” pela velocidade e ocupação do espaço pelo setor primário agrário e de serviços de pouca especialização.

Um estudo recente do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi) mostrou que a parcela da manufatura no PIB brasileiro em 2020 ficou 4,7 pontos percentuais abaixo da média global em 2020.

“Desde o início do século XXI, o grau de industrialização brasileiro tem sido menor que da economia mundial e essa diferença vem aumentando. Em síntese, é um retrocesso de longo prazo que reforça a tese de que se trata de um problema estrutural com vários

componentes”, analisa o instituto.

A recuperação do espaço da indústria é apontada pelo Iedi como essencial para o país alcançar maiores taxas de crescimento do PIB e níveis mais elevados de desenvolvimento.

Com a indústria sofrendo o processo de deterioração nas últimas décadas, o setor que mais sentiu o impacto da pandemia foi o de serviços – que responde por mais de 70% da formação do PIB do país. Em 2019, esse percentual de composição era de 73,5%, caindo para 71,7% no primeiro trimestre de 2021.

Enquanto isso, a do agronegócio saltou de 5,1% para 7,9% – o maior percentual desde 1996. Ou seja, um claro movimento de um país que está voltando a direcionar a sua economia para o setor primário.

Analisando pela ótica da pandemia, a FGV ressalta: “O que tem de novidade na pandemia é que o agronegócio vem ganhando protagonismo como a gente nunca viu. Tudo caiu, só o agro se beneficiou, ficando praticamente imune à crise na maioria dos países”, afirma Silvia Matos, economista responsável pelo levantamento.

Em seis anos, 28,8 mil indústrias fecharam

Um levantamento anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstra que a indústria brasileira encolheu em número e volume de empregados nos últimos anos. Os dados comparados entre 2013 e 2019 apontam que o setor perdeu 28,8 mil empresas e mais de 1,4 milhão de postos de trabalho.

A Pesquisa Industrial Anual de 2019 registrou que a indústria brasileira possuía 306,3 mil empresas, empregando aproximadamente 7,6 milhões de trabalhadores. Seis anos antes, eram 334 empresas e 9 milhões de pessoas ocupadas. Isso significa que, nesse período, o número de empresas do setor encolheu 8,5%, com

15,6% das vagas fechadas.

O desmonte se deu, sobretudo, na indústria de transformação – segmento cuja produção é intensiva em valor agregado e tecnologia, além de pagar mais aos empregados e ser responsável por 97,5% dos empregos do setor.

Por atividade, a indústria de couro e calçados foi a que, proporcionalmente, mais perdeu empresas: uma queda de 32% em seis anos. A maior retração no número de empregados veio da fabricação de outros equipamentos de transporte, com redução de 43% no quadro.

A redução da mão de obra refletiu no porte das empresas da indústria de transformação: em 2010, a média de

empregados era de 28 pessoas, passando para 25 em 2019. Entre as atividades industriais, as empresas de maior porte em 2019 eram da indústria extrativa, prioritariamente. As de fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis, tinham cerca de 668 pessoas ocupadas por empresa, seguida pela extração de minerais metálicos, com 374 pessoas.

Em uma comparação da evolução da indústria na década que vai de 2010 a 2019, o levantamento do IBGE mostrou também que a remuneração média paga pela indústria foi reduzida. Em 2010, a média salarial era de 3,4 salários mínimos da época. Em 2019, caiu para 3,1 salários mínimos.

Na falta do que comer, as mães alimentam seus filhos durante três dias com caldo de osso doado por açougue em Cuiabá

Com o desemprego atingindo milhões de brasileiros e a renda em queda livre, o tradicional arroz com feijão desapareceu da mesa dos mais pobres. Eles já substituíram o tradicional prato por grãos de segunda linha, com mais impurezas, como o arroz fragmentado e o feijão bandinha (que perdeu a casca e vem quebrado). Frutas e verduras nem pensar. Desde o início da pandemia, os preços dispararam. O arroz ficou 56,05% mais caro e o feijão preto subiu 71,82%.

Segundo reportagem do Fantástico, na TV Globo, no domingo (25), a doação de pedaços de ossos com retalhos de carne em um açougue, feita há dez anos, tem formado filas cada vez maiores. De uma vez por semana, a fila para receber a sobra da desossa de boi – o chamado ossinho – só fez crescer, segundo a proprietária, que ampliou a distribuição às famílias para três vezes por semana.

Na falta do que comer, as mães oferecem caldo de osso para os filhos três vezes por semana. Já que nem o auxílio emergencial que algumas recebem consegue suprir o mínimo de alimentação para a família.

Desempregada, Janaína, moradora de Cuiabá (MT), vive um drama para alimentar os quatro filhos com o mísero auxílio emergencial. Ela e dezenas de pessoas enfrentam uma fila enorme na porta de um açougue para conseguir a doação de um quilo de ossos, segundo a reportagem do Fantástico. Janaína perdeu o emprego no setor de limpeza de um shopping durante a pandemia. Desde então, ela possui apenas os R\$ 375 que o governo deposita na conta. Ela usa os pedaços de ossos, com um pouco da carne, da cartilagem e da gordura que sobram da desossa do boi, para engrossar o caldo do feijão.

“Tudo aqui é feito no fogão à lenha agora, para a gente poder economizar gás. Nós ‘vai’ fazer esse

panelão. A gente come agora e depois a gente separa em vasilhinhas e guarda no congelador e vai tirando. Dá uns dois ou três dias para mim e para ela, certinho”, relatou Janaína na entrevista.

O preço da carne também disparou e, de acordo com estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento, o brasileiro consumirá neste ano a menor quantidade de carne vermelha por pessoa em 25 anos.

Até o ovo, a carne de porco e o frango que eram opções mais baratas em 2020, podem ficar mais caras. Esses alimentos devem subir até 50% nos próximos meses, aponta a Associação Brasileira de Proteína Animal. A projeção nos preços é por causa do aumento dos preços do farelo de soja e milho utilizados na alimentação das aves e suínos e por conta da exportação.

O leite das crianças também ficou mais caro e acumula uma alta de 34% entre janeiro e junho deste ano, segundo dados do CEPEA (Centro de estudos avançados em economia aplicada) da USP (Universidade de São Paulo).

Diante desse quadro, o brasileiro ainda enfrenta a alta nos preços monitorados pelo governo que nada faz para amenizar o sofrimento das famílias mais carentes.

Com 15 milhões de desempregados, entre mais de 30 milhões que vivem de bico e no desalento – e 19 milhões de brasileiros na extrema pobreza, o governo reduziu o auxílio emergencial e dá aval para o aumento do gás de cozinha e da energia elétrica.

O botijão de gás em algumas localidades já ultrapassou R\$ 100 e muitas famílias já substituíram o fogão a gás por lenha.

A conta de luz disparou com a bandeira vermelha nível 2 e com os reajustes anuais, e, no andar da caruagem, além de mandar a conta bilionária para o consumidor, Bolsonaro deixará o país à luz de vela.

Inflação acelera com aumento da luz, botijão de gás e comida

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor – Amplo 15 (IPCA-15) disparou 0,72% em julho, atingindo a maior variação para o mês dos últimos 16 anos. O índice, divulgado nesta sexta-feira (23) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é uma prévia da inflação oficial (IPCA), também calculada pelo instituto. Trata-se da taxa mais alta para o mês de julho desde 2004, quando chegou a 0,93%.

O resultado foi puxado pela alta de 4,79% da energia elétrica e veio acima das expectativas do mercado. No mês anterior, junho, a inflação oficial do país já havia avançado 0,83% – outro recorde para o período dos últimos anos.

Agora, o IPCA acumula alta de 4,88% no ano e de 8,59% nos últimos 12 meses, fazendo da inflação em ascensão desde o ano passado, um problema inegável para as famílias brasileiras, já que os preços que disparam são exatamente os produtos e serviços que têm preços monitorados pelo governo, que podem ser controlados pelo governo – mas não o são.

Embora a energia elétrica tenha causado o maior impacto, tendo o grupo “habitação” variado 2,14% no mês, sete dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados tiveram alta em julho.

Desde junho, está em vigor a bandeira tarifária patamar 2 – com reajuste de 52% no mês corrente, elevando de R\$ 6,24 para R\$ 9,49 cada 100 kWh consumidos. O preço do gás de botijão,

com variação de 3,89%, e do gás encanado, de 2,79% continuam subindo e contribuíram com o encarecimento dos custos de habitação, penalizando especialmente as famílias já impactadas pelo desemprego e pelo arrocho nas rendas.

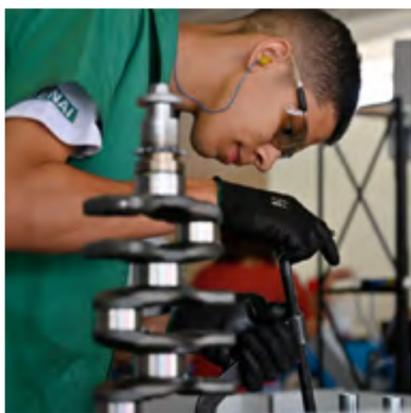
A gasolina, também com preços disparados, passou a acumular alta de 40,32% nos últimos 12 meses, com variação de 0,50% em julho. Assim, o grupo de transportes registrou inflação de 1,07% no mês (com alta de 0,38% nos combustíveis em geral).

Os preços de alimentos e bebidas, por sua vez, contribuíram com 0,10 p.p para a inflação do mês, avançando 0,49% em julho.

Os preços dos alimentos consumidos no domicílio aceleraram de 0,15% em junho para 0,47% em julho. “Contribuíram para essa aceleração as altas do leite longa vida (4,09%), do frango em pedaços (3,09%), das carnes (1,74%) e do pão francês (1,81%)”, diz a nota divulgada pelo IBGE.

A escalada dos preços de bens industriais também preocupa. A inflação de bens industriais diminuiu de 1,05% para 0,69% entre a prévia de junho e a de julho, mas também foi apontada como surpresa desfavorável no IPCA-15. Em 12 meses, a alta dos preços industriais atingiu 8,97%.

O resultado provocou revisões nas projeções da inflação, que para o mercado financeiro pode subir perto de 1% este mês, com um pico perto de 9% em agosto na variação de 12 meses.



CNI rechaça “facada” do governo no Sistema S

A Confederação Nacional da Indústria rechaçou a declaração do secretário de Política Econômica do Ministério da Economia, Adolfo Sachsida, que repetindo declaração do ministro Paulo Guedes, disse na sexta-feira (23), em entrevista ao Valor, “temos que passar a faca no Sistema S” a pretexto de “gerar emprego e qualificar o jovem carente”.

“Querem desestruturar o trabalho já realizado pelo Sesi e pelo Senai por meio de uma ‘facada’, na tentativa de enfraquecer duas das principais instituições com capacidade para contribuir com os esforços de reduzir a informalidade e o desemprego no país, isso sim, é condenar uma parcela da população à pobreza”, afirmou Robson Braga de Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Para o Sesi (Serviço Social da Indústria) e o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), as declarações do secretário de Guedes revelam “profundo desconhecimento de como as instituições já contribuem, de forma efetiva e permanente, com a inserção de jovens brasileiros no mercado de trabalho, sobretudo os de classes menos favorecidas”.

“O SENAI é a principal instituição de ensino técnico e profissional do país, com mais de 80 milhões de trabalhadores formados em oito décadas de atuação. Seu modelo de formação mantém o currículo sempre alinhado à evolução tecnológica da indústria, o que se traduz em inclusão e empregabilidade para os jovens capacitados em diversos setores da indústria”, destacou a CNI.

“O Sesi oferece educação básica focada na formação para o futuro do trabalho a mais de 900 mil jovens. Sua metodologia é de reconhecida excelência e seus alunos têm elevado desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Em 2020, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) beneficiou 36,7 mil trabalhadores já fora da idade escolar, permitindo a conclusão dos estudos e maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho e crescimento profissional”.

A entidade ressaltou também que durante os meses mais agudos da pandemia no ano passado, o SENAI ofereceu mais de 1,5 milhão de matrículas gratuitas em cursos de educação técnica e profissional para contribuir com a continuidade da formação e qualificação do trabalhador brasileiro.

Além disso, “em parceria com mais de 20 empresas e instituições – entra as quais o Ministério da Economia – o SENAI liderou a iniciativa que resultou no conserto de mais de 2,5 mil respiradores mecânicos que foram devolvidos a hospitais das redes pública e privadas, contribuindo para salvar as vidas de milhares de pacientes infectados pelo coronavírus”.

“Embora o secretário do Ministério da Economia demonstre não saber, o SENAI já participa de três programas iniciados em 2020 justamente com foco na inserção de jovens no mercado de trabalho e no aumento da produtividade de empresas: o Emprega Mais, o Brasil Mais e o Aprendizagem 4.0”, afirmou a CNI.

Antes da posse de Bolsonaro, em dezembro de 2018, Guedes sugeriu que poderia cortar ao menos 30% dos recursos do Sistema S, mas admitiu que o percentual poderia chegar a 50%. “Tem que meter a faca no Sistema S”, declarou na época a uma plenária de industriais.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO

é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

HP

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto

Redação: fone (11) 2307-4112

E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br

E-mail: comercial@horadopovo.com.br

E-mail: hp.comercial@uol.com.br

Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:

Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18,

3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679

E-mail: hprj@oi.com.br

Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP

70301-000

Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506

Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480

E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317

E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de

Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004

Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603

E-mail: horadopovope@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa,

140 Curú-Untinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande,

Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis

e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Fabio Rodrigues Pozzebom/ABR

General Carlos Alberto dos Santos Cruz exige “aplicação da lei” em quem ameaça as eleições para “causar tumulto”

O general Carlos Alberto dos Santos Cruz, ex-ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência, afirmou que as ameaças às eleições de 2022 no Brasil, propaladas por Jair Bolsonaro, são frequentemente repetidas por autoridades que fazem parte do núcleo duro do governo.

Santos Cruz defendeu uma intervenção firme das instituições democráticas para punir esse tipo de atitude.

“A Justiça tem que exigir dessas pessoas a responsabilização legal para o que elas estão fazendo. O problema é que nós não estamos aplicando a lei”, opinou.

“Tem que ser contundente, tem que ser forte nas respostas, e tem que aplicar a lei”, completou, durante entrevista ao portal UOL, na sexta-feira (23).

O militar da reserva ressaltou, também, o risco de que tais atitudes resultem em “violência lá na frente”. O general advertiu que a discussão sobre o voto impresso tem como intenção “causar tumulto”, podendo colocar em risco a credibilidade no processo eleitoral.

“Isso fere frontalmente um fundamento importante da democracia. E não é só esse fato, isso aí vem acontecendo. São pessoas se pronunciando, governante falando que eleição foi fraudada, governante falando que estão preparando para fraudar eleição”, disse.

Além disso, Santos Cruz advertiu que este “não é um assunto da área do Ministério da Defesa”, referindo-se à notícia divulgada pelo jornal “O Estado de S. Paulo” de que o titular da pasta, Walter Braga Netto, teria enviado um recado ao presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP/AL), avisando que as eleições presidenciais do ano que vem não ocorreriam, caso não seja reimplantado o voto impresso. Os dois negaram a informação, que foi mantida pelo jornal.

O ex-ministro recomendou que qualquer pessoa que faça ameaças ao processo eleitoral ou divulgue acusações e mentiras sobre fraudes, seja ela militar ou civil, seja responsabilizada pela Justiça Eleitoral.

Capitão Cloroquina ataca vacina após mais de 550 mil mortes



UMES/Reprodução



Twitter/Reprodução

Dia 24 de Julho, a Avenida Paulista voltou a encher em repúdio a Bolsonaro

Foto: @oimatheusalves



Manifestantes caminharam pela Esplanada dos Ministérios, em Brasília, sábado

Repúdio a Bolsonaro volta às ruas em todos os Estados e DF

Pela quarta vez no último período, milhares de manifestantes se reuniram na Avenida Paulista contra o governo federal e pediram o impeachment de Jair Bolsonaro, neste sábado, 24 de julho. Além de São Paulo, o povo foi às ruas de centenas de cidades de todo o país.

O povo nas ruas exigiu o impeachment, o aumento da velocidade da vacinação contra a Covid-19 e rechaça a política assassina e corrupta do governo Bolsonaro na pandemia, que se iniciou em março de 2020 e já matou quase 550 mil brasileiros.

O protesto, organizado por entidades estudantis, movimentos sociais, partidos políticos e com a presença de todas as centrais sindicais do país, foi composto por blocos que se estenderam por toda a Avenida Paulista. Com concentrações no MASP, na FIESP e no Conjunto Nacional. Depois a manifestação seguiu em direção ao centro da cidade, na Praça da República, percorrendo toda a Avenida Paulista e descendo

a Rua da Consolação.

Assim como já havia acontecido na última manifestação, no protesto de hoje, partidos como PSB, PT, PCdoB, PSDB, PDT, Cidadania, Solidariedade, PSol, Rede, PV, participaram da manifestação.

Durante o protesto, os manifestantes usaram máscaras e a maioria respeitou o distanciamento social recomendado pelas autoridades da saúde. Em alguns momentos, porém, houve aglomeração, mas sendo dissipada pelos próprios participantes.

A Avenida Paulista foi tomada com bandeiras, cartazes e faixas, em que os manifestantes criticaram a conduta de Bolsonaro no combate à pandemia. Além disso, pediam investimentos na geração de emprego, defendiam dos serviços públicos, principalmente o Sistema Único de Saúde e denunciavam seus parentes que perderam a vida para a Covid-19 porque Bolsonaro se recusou a comprar vacinas com antecedência e evitar milhares de mortes.

Cobertura completa das manifestações em www.horadopovo.com.br

Milhares de manifestantes no “Fora Bolsonaro” no DF

Milhares de manifestantes ocuparam a Esplanada dos Ministérios em mais um “dia de unir o País em defesa da democracia, da vida dos brasileiros e do Fora Bolsonaro”.

A concentração para manifestação em Brasília começou por volta das 14h30, na Praça da República, e caminhou pela Esplanada dos Ministérios até o gramado do Congresso onde se deu o desfecho de mais este ato político-social em oposição ao governo Bolsonaro.

Participaram do movimento estudantes, trabalhadores, funcionários públicos e representantes de movimentos sociais, centrais sindicais, partidos políticos e organizações femininas, da juventude e da negritude.

Foi formado o bloco dos Correios, organizado pelo sindicato dos trabalhadores da estatal que está ameaçada de privatização pelo governo Bolsonaro. O grupo era grande e ganhou destaque no protesto exigindo que o governo não entregue a empresa para a iniciativa privada.

Ricardo Peixe, do Sindicato dos Trabalhadores da Empresa Brasileira dos Correios de São Paulo, denunciou que a privatização da estatal causará o aumento das tarifas para envio de encomendas e correspondências. “Se os Correios forem privatizados, 5.570 municípios onde chegam os Correios, quem vai chegar vai ser a iniciativa privada. E com certeza vai ficar mais caro para o pessoal da periferia e para os lugares mais longínquos do país. E com certeza os Correios não vai mais chegar nesses lugares longínquos. A iniciativa privada só quer o filé mignon que é as capitais, a privatização dos Correios vai prejudicar a população e os trabalhadores”.

“Recentemente, fomos informados de que certas cartas (conforme anexo), supostamente assinadas por executivos da empresa, estão sendo distribuídas online. Gostaríamos de ressaltar, enfaticamente, que esses documentos não foram emitidos pela empresa ou por seus executivos e, portanto, negamos veementemente os mesmos”, informou a Bharat, em nota.

A Precisa falsificou a assinatura e o carimbo da procuração que lhe dava autorização para negociar em nome da Bharat Biotech e da declaração de inexistência de fatos impeditivos para a compra.

Os dois documentos foram exigidos pela Advocacia-Geral da União (AGU) e entregues pela Precisa de última hora.

A Precisa Medicamentos fraudou a assinatura do diretor-executivo da Bharat, Krishna Mohan Vadrevu, e o carimbo da farmacêutica indiana em dois documentos que entregou para o Ministério da Saúde.

As falsificações foram descobertas pela CBN, em reportagem publicada na terça-feira (20).

A reportagem descobriu que a Precisa inseriu um novo texto para um cabeçalho, assinatura do diretor-executivo da Bharat e carimbo da farmacêutica que eram de outro documento, que era original.

Quando o contraste, que é como a “iluminação” do documento, é aumentado, o corpo do texto permanece branco, mas todos os outros elementos ficam azuis.

Além disso, a assinatura é idêntica nos dois documentos e o carimbo tem as mesmas manchas.

No caso do carimbo, a correção de contraste mostra ainda que em um dos documentos ele foi recortado digitalmente e mudado de lugar, para parecer que não foi copiado dos documentos anteriores.

A mudança na iluminação mostrou as “pegadas” deixadas pela falsificação.

A suspeita dos senadores que compõem a CPI da Pandemia é que foi organizado, entre a Precisa Medicamentos e o Ministério da Saúde, um esquema de corrupção. Um servidor do Ministério levou a mesma suspeita até Jair Bolsonaro, em março, mas ele decidiu acobertar seus aliados e não encaminhou para a Polícia Federal investigar.

Disse que se dependesse dele a vacina não seria obrigatória e que não coordenou o combate à Covid porque “não deixaram”

A pandemia de Covid-19 trouxe muitos sofrimentos em todo o mundo. Hoje já passam de 4 milhões os mortos pela doença no planeta. Mas, o Brasil foi um dos países mais atingidos pela tragédia. Aqui ela ceifou a vida de mais de 550 mil pessoas.

O país só perdeu para os EUA de Trump em número absoluto de mortes. Com 2,7% da população mundial, o Brasil tem hoje 11,2% dos mortos. O nome do responsável por isso é conhecido de todos, chama-se Jair Messias Bolsonaro.

Bolsonaro não coordenou o combate à pandemia no Brasil. Ao contrário, trabalhou intensamente a favor da expansão da doença. Sua frenética campanha antivacina, sua briga para promover aglomerações, seu desdém ao uso de máscaras e os ataques constantes aos governadores e prefeitos foi a principal causa do caos.

Agora, que todos sabem que o desastre que se abateu violentamente sobre o país é culpa sua, de sua sabotagem às vacinas, ele inventa a desculpa esfarrapada de que foi impedido de atuar.

Neste domingo (25) ele disse que se “tivesse coordenado a pandemia, não teria morrido tanta gente”. Mas, a verdade é outra, bem diferente. Cientistas afirmam que, se Bolsonaro não tivesse atrapalhado tanto, se o país tivesse se unido no combate à pandemia, se o mandatário não tivesse sabotado a compra de vacinas, o Brasil teria muito menos mortes do que teve.

Chegarão a calcular que, não fosse a criminoso sabotagem de Bolsonaro às vacinas e às medidas sanitárias, cerca de 400 mil pessoas poderiam ter sido salvas.

Logo após dizer esse absurdo de que com ele teriam havido menos mortes, Bolsonaro mostrou claramente porque essa afirmação é uma falácia. Atacou novamente as vacinas e, particularmente, a CoronaVac. Defendeu que vacinação não deve ser obrigatória. Insinuou que todos os imunizantes que estão sendo usados fazem mal.

“Tem gente que está sofrendo efeito colateral das vacinas e o que está ocorrendo?”, indagou Bolsonaro. “No que depender de mim a vacina é facultativa”, acrescentou. Ou seja, o que ele disse é o que todos já sabiam: se dependesse exclusivamente dele não haveria vacinação em massa. E quem agradecerá muito por isso era o próprio coronavírus.

Nos últimos dias nos EUA, as mortes causadas pela Covid-19 estão aumentando novamente exatamente entre os antivacinas, ou seja, entre aqueles que seguiram as ideias de jericó de Donald Trump e Jair Bolsonaro e se recusam a tomar os imunizantes. Não é à toa que Brasil e EUA lideram o número absoluto de mortes no mundo.

O capitão cloroquina disse que foi impedido de agir, mas é mentira. Ele foi obrigado pela Justiça exatamente ao contrário: a agir contra a pandemia.

O Supremo Tribunal Federal (STF) interveio para garantir que as medidas sanitárias preconizadas por autoridades do Brasil e do mundo todo fossem aplicadas no país. Bolsonaro tentava o tempo todo impedir a sua implantação dizendo que elas eram ineficazes e que quem mandava era ele.

O STF decidiu, por mais de

Bharat cancela contrato com a Precisa por falsificar papéis enviados ao MS

A farmacêutica Bharat Biotech cancelou o contrato com a Precisa Medicamentos, que vendeu doses de Covaxin para o Ministério da Saúde, por ter falsificado documentos usados na venda.

“Recentemente, fomos informados de que certas cartas (conforme anexo), supostamente assinadas por executivos da empresa, estão sendo distribuídas online. Gostaríamos de ressaltar, enfaticamente, que esses documentos não foram emitidos pela empresa ou por seus executivos e, portanto, negamos veementemente os mesmos”, informou a Bharat, em nota.

A Precisa falsificou a assinatura e o carimbo da procuração que lhe dava autorização para negociar em nome da Bharat Biotech e da declaração de inexistência de fatos impeditivos para a compra.

Os dois documentos foram exigidos pela Advocacia-Geral da União (AGU) e entregues pela Precisa de última hora.

A Precisa Medicamentos fraudou a assinatura do diretor-executivo da Bharat, Krishna Mohan Vadrevu, e o carimbo da farmacêutica indiana em dois documentos que entregou para o Ministério da Saúde.

As falsificações foram desco-

uma vez, que os três níveis de governo, União, Estados e Municípios, tinham a obrigação de defender a saúde de sua população. A União não estava tomando nenhuma medida concreta. Apenas era contra tudo o que vinha sendo feito nos estados e municípios para combater o vírus.

Enquanto os estados e municípios agiam, Bolsonaro passeava de moto e fazia aglomerações.

O que realmente Bolsonaro foi impedido de fazer pelo STF foi impor o seu negacionismo genocida à força a estados e municípios. Se tivesse conseguido fazê-lo, o desastre certamente seria muito maior.

Durante todo o ano de 2020 Bolsonaro atrapalhou os esforços contra o vírus, impediu que fosse implantado um plano nacional de combate à pandemia. Sua obrigação era exercer a coordenação nacional, abastecer o país de testes para Covid-19, implantar o controle sanitário nas fronteiras, garantir a compra das vacinas e tomar medidas de abrangência nacional. Nada disso foi feito.

O capitão cloroquina deixou as entradas aéreas e marítimas do país escancaradas, atacou o uso de máscaras e estimulou a população a se aglomerar. Governadores e prefeitos queriam instalar barreiras, mas Bolsonaro impedia. Queriam restringir a circulação de pessoas mas Bolsonaro pregava as aglomerações. Queriam obrigar o uso de máscaras e Bolsonaro afrontava.

Todos queriam a vacina, mas o negacionista a atacava. Passou o tempo todo – até hoje – defendendo a charlatanice do uso de cloroquina, ivermectina e outras drogas ineficazes para o tratamento da Covid-19. Mesmo com toda a ciência condenando o uso dessas drogas, Bolsonaro insistiu em sua pregação, gastando enormes quantias públicas na sua aquisição.

A “tese” defendida por Bolsonaro para não comprar as vacinas e não aderir às medidas sanitárias de proteção era a de que a população deveria ser infectada o mais rapidamente possível para adquirir a chamada “imunidade de rebanho”.

Ele foi avisado por seus ministros da Saúde que esta “tese” causaria a morte de centenas de milhares de pessoas. Ele não só não atendeu aos alertas como demitiu os ministros da Saúde que se opunham ao seu negacionismo. O resultado confirmou as previsões dos ministros demitidos. Meio milhão de brasileiros perderam a vida por culpa da teimosia de Bolsonaro.

Quando foi obrigado, pela força da opinião pública, a assinar – com grande atraso – contratos de compra de vacinas, começaram a surgir os escândalos de corrupção no governo.

A CPI foi instalada no Senado para investigar a culpa de Bolsonaro nas mortes. Mas agora, ela se depara também com a roubalheira dentro do governo. Vacinas superfaturadas da Índia, atravessadores prometendo pagar propinas para empresas ligadas a líderes do governo em paraisos fiscais, reuniões em shopping de Brasília para os “acertos”, ‘invoices’ fraudadas, servidores avisando do roubo e sendo perseguidos pelo governo, e por aí vai. Tudo isso mostrou que ao negacionismo assassino de Bolsonaro se juntaram também altos esquemas de propinas.

Rayssa Leal brilha e se torna a mais jovem medalhista olímpica do Brasil

Skate estreia nos Jogos e garante duas medalhas de prata ao país, já no início das Olimpíadas, com Rayssa e Kevin. No judô, Daniel conquista o bronze

Nos três primeiros dias da Olimpíada de Tóquio, o Brasil conquistou três medalhas, sendo duas no Skate Street no masculino e feminino e uma no Judô na categoria peso-meio-leve (até 66kg). Entre as conquistas está a da 'fadinha' Rayssa Leal, de apenas 13 anos, a medalhista olímpica mais jovem da história do Brasil.

A primeira medalha do Brasil em Tóquio veio de Kelvin Hoefler, do Skate. Modalidade estreante nos jogos, Hoefler garantiu a prata na categoria Street masculino, na madrugada do último domingo (25), no Ariake Sports Urban Park. Ele conquistou a prata na modalidade street masculino ao somar 36,15 na grande final, ficando atrás apenas do japonês Yuto Horigomi, que somou 37,18. O americano Jagger Eaton completou o pódio com uma nota geral de 35,35.

Kelvin foi o quinto a entrar na pista durante os 45 segundos. Sua primeira volta foi quase perfeita, sem quedas, sendo o único a não cair, ele recebeu 8,98, melhor nota da primeira volta, assumindo a liderança.

Na segunda parte, onde os atletas só poderiam realizar uma manobra, Hoefler teve cinco tentativas, para uma melhor manobra, na qual sofreu duas quedas, enquanto Yuto Horigome foi espetacular, com três notas acima de 9.

O resultado não foi uma surpresa. Quarto colocado do ranking da modalidade, Hoefler é hexacampeão mundial, bicampeão do X-Games e considerado o principal nome do país na modalidade. Na classificatória anterior, ele havia obtido a quarta melhor nota geral (34,69), garantindo vaga entre os oito finalistas.

FADINHA

No dia seguinte, com apenas 13 anos, Rayssa Leal fez história e conquistou a medalha de prata no skate street feminino na noite de domingo para segunda-feira (26) nas Olimpíadas.

Ela mostrou todo seu talento e superou quase todas as concorrentes para ficar com a segunda colocação. O ouro ficou com a japonesa Momiji Nishiya, que ainda viu a compatriota Funa Nakayama ficar com o bronze.

Rayssa é a atleta mais jovem da história do Brasil a subir ao pódio em Olimpíadas. Aos 13 anos e 203 dias, bateu de longe o recorde de Rosângela Santos, bronze em Pequim 2008 com 17 anos no 4x100m do atletismo.

Fadinha, como é conhecida, é também a mais jovem brasileira a participar dos Jogos. A marca anterior era de Talita Rodrigues, nadadora que foi finalista no 4x100m livre em 1948, nos Jogos de Londres. Na ocasião, tinha 13 anos e 347 dias.

Na final, Rayssa ficou entre as medalhistas desde as primeiras pontuações e mostrou que lutaria pela ponta desde o início. A cada rodada seu protagonismo se consolidava e a deixava ainda mais confiante para acertar os movimentos. Ultrapassada no fim, a brasileira se mostrou muito emocionada com o feito e chorou após o fim da prova.

Mesmo com a pouca idade, Rayssa mostrou uma maturidade enorme desde o início da disputa. Prova disso é que ela foi a única brasileira a confirmar o favoritismo e ficar entre as principais atletas na fase classificatória, que contava também com Pamela Rosa e Letícia Bufoni, que ficaram de fora da decisão.

Dona de uma personalidade leve e animada, ela ficou praticamente o tempo todo sorrindo na pista e apoiando bastante as demais competidoras, principalmente as brasileiras.

JUDÔ

Já no Judô, a modalidade que trouxe mais medalhas olímpicas ao Brasil na história, entregou mais uma também na madrugada de domingo. A 23ª medalha do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos veio de Daniel Cargnin. O judoca de 23 anos venceu o israelense Baruch Shmailov para levar o primeiro bronze do Brasil na competição.

A luta foi tensa. Cargnin tinha dificuldade para conseguir a pegada, mas buscou o confronto e deu duas entradas sem sucesso. Com um minuto, Shmailov recebeu uma punição por falta de combatividade. Em seguida, o brasileiro obteve um wazari com um belo golpe.

A luta precisou ser interrompida, porque Cargnin sofreu um corte no nariz numa entrada do israelense. Ele recebeu atendimento para deter o sangramento. Quando voltou, Shmailov veio para cima com tudo. O israelense quase completou uma queda, mas Cargnin girou no ar para evitar a pontuação.

Nos segundos finais, o brasileiro tomou punição por falta de combatividade, mas preservou a vitória. Ao fim da luta, chorou com a treinadora Yuko Fujii.



Rayssa Leal fez história e conquistou a medalha de prata no skate street



Primeira medalha do Brasil em Tóquio veio de Kelvin Hoefler, do Skate



23ª medalha do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos veio de Daniel Cargnin



Centro da capital gaúcha foi tomado pelos manifestantes

Manifestantes ocupam o centro de Porto Alegre no protesto Fora Bolsonaro

Neste sábado (24) os movimentos sociais, sindicais, estudantes, além de partidos e outras organizações realizaram um grande ato na cidade de Porto Alegre contra Bolsonaro. Em todo o país, manifestantes se mobilizaram em atos, que além de pedir o Impeachment de Bolsonaro, pediam a volta do auxílio emergencial, vacina para todos, contra os cortes na ciência e educação e contra as privatizações.

Na capital Gaúcha, os manifestantes se reuniram às 15h em frente à prefeitura e saíram em passeata pelas ruas do Centro Histórico até o Largo Zumbi dos Palmares, onde encerrou a manifestação por volta das 18h.

Na série de pautas levantadas durante o ato, as denúncias de corrupção do governo federal e do atraso na compra de vacinas, até críticas à Reforma Administrativa e ao teto de gastos apareceram nos discursos e nos gritos dos manifestantes.

O presidente da União Metropolitana dos Estudantes Secundários de Porto Alegre (Umepa), Anderson Farias, afirmou que o ato contribuiu ainda mais com a luta, mas que é necessário que se mobilize ainda mais às ruas contra Bolsonaro. "Hoje foi mais um dia histórico, que o povo ocupou as ruas pra dizer que chega de descompromisso com a vida do povo, é mais

que necessário ocupamos as ruas com muita unidade para derrotar o bolsonarismo", disse.

A estudante Vitória Cabreira, coordenadora do projeto 'Sobre Nós', afirmou que é preciso ampliar ainda mais a mobilização para a derrubada de Bolsonaro. "Hoje, mais de 100 mil brasileiros foram às ruas em Porto Alegre para denunciar a política corrupta e genocida de Bolsonaro, que já matou mais de 545 mil brasileiros. Reconhecemos também que é nossa tarefa ampliar os atos e fazer com que a luta pelo Fora Bolsonaro e em defesa da democracia cresça cada vez mais", disse.

Uma reprodução de um gado na cor branca com a faixa verde e amarela foi exposta para que as pessoas escrevessem os motivos de sua manifestação. Depois, ele saiu puxado por dois manifestantes pelas ruas.

"Fora Bolsonaro, Fora Eduardo Leite, Fora Sebastião Melo, fora toda essa direita genocida. Estamos aqui lutando, junto com os companheiros do PT, do PCdoB, Psol, OP da esquerda. Lutaremos para derrubar o fascista. Estamos aqui com mais de 100 mil pessoas para dizer em alto e bom som: Fora Bolsonaro, Fora Bolsonaro, Fora Bolsonaro", disse Pedro Ruas, ex-deputado estadual do Rio Grande do Sul e advogado do Psol.



Manifestantes se concentraram no monumento Zumbi dos Palmares

Povo vai às ruas do Rio contra Bolsonaro, defende democracia e repudia a privatização dos Correios

Milhares de manifestantes saíram às ruas do Rio de Janeiro na manhã deste sábado (24), em protesto contra Jair Bolsonaro. Os manifestantes pediram o impeachment do presidente, vacinação já para todos, aumento do auxílio emergencial para R\$ 600 e empregos.

Participaram do ato diversos movimentos da sociedade civil, centrais sindicais, sindicatos, entidades estudantis, artistas, partidos e lideranças políticas.

Os manifestantes se concentraram por volta de 10:30h em frente ao Monumento a Zumbi dos Palmares, na Avenida Presidente Vargas, e seguiram em direção à Candelária. A manifestação ocupou três pistas da Avenida Presidente Vargas.

Os organizadores do protesto denominaram o ato como "dia de unir o país

em defesa da democracia, da vida dos brasileiros e do fora Bolsonaro".

Seis caminhões de som, de várias entidades, conduziram a passeata até a Praça da Candelária. Batucadas, bandas e blocos, como o do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios do Rio de Janeiro - que também se manifestavam contra a privatização da estatal -, animaram o "fora Bolsonaro" e "Bolsonaro miliciano" entoado pelos manifestantes.

"Cada vez mais o povo vê que esse governo é corrupto, é responsável por mais de 540 mil mortes e pelo desemprego. O Brasil se levanta cada vez mais", disse ao UOL o presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Paulo Farias.

Em determinado momento da manifestação, os atores Paulo Betti, a jornalista Hildegard Angel, as atrizes

Dira Paes e Júlia Lemmertz entre outros, saíram à frente da passeata ao lado de outras lideranças. Estavam presentes também o músico Toni Belloto e a atriz Malu Mader.

A deputada federal Jandira Feghali afirmou: "Tá cada dia maior! Artistas, sociedade e todos pelo impeachment imediato do corrupto genocida!".

O ator Paulo Betti, que esteve em todos os últimos atos contra Bolsonaro, afirmou que "é excitante exercer o dever pela democracia. Manifestação sempre estou dentro", disse.

A jornalista Hildegard Angel, que é filha da estilista Zuzu Angel e irmã de Stuart Angel, ambos assassinados pela ditadura, afirmou que essa "resistência é necessária e inadiável para salvar o Brasil dos horrores de Jair Bolsonaro, enquanto há tempo!".



Discurso de Ribeiro ignora que a pasta seguiu fielmente a cartilha de destruição da Educação Pública

Ministro mente ao dizer que governo Bolsonaro investiu em escolas na volta às aulas

O ministro da Educação, Milton Ribeiro, fez pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão nesta terça-feira (20), e mentiu ao dizer que o governo Bolsonaro investiu na infraestrutura das escolas para propiciar a retomada de aulas presenciais no país.

Ribeiro ignorou que sua pasta seguiu fielmente a cartilha de Paulo Guedes de arrocho e destruição da Educação pública, promovendo cortes num momento em que os investimentos seriam ainda mais necessários para garantir o ensino à população. Em 2020, o MEC chegou a devolver R\$ 1 bilhão que não foram gastos nas escolas ao Tesouro, mesmo o país enfrentando uma pandemia que afetou diretamente a Educação e a vida dos estudantes.

Agora, enquanto estados e municípios avançam na retomada das aulas, o ministro do governo Bolsonaro vai à TV para dizer que, se dependesse dele, as escolas estariam abertas. "O Brasil não pode continuar com as escolas fechadas, gerando impactos negativos nesta e nas futuras gerações. Não devemos privar nossos filhos do aprendizado necessário para a formação acadêmica e profissional deles", defendeu o ministro.

Ao dizer que não se trata de uma retomada a qualquer custo veio a mentira. Ribeiro afirmou que a pasta investiu "mais de R\$ 1,7 bilhão para o enfrentamento da Covid-19 nas escolas públicas do país".

No ano passado, mesmo com a suspensão das aulas devido à pandemia, Ribeiro, empossado em julho, gastou apenas R\$ 574 milhões no apoio à infraestrutura para a educação básica, quase 70% abaixo do R\$ 1,8 bilhão despendido no ano anterior.

Neste ano, o governo federal destinou no Orçamento apenas R\$ 8,9 bilhões para gastos discricionários (contas de água e de luz, serviços terceirizados como limpeza, segurança etc, compra de materiais e manutenção de equipamentos, entre outras coisas) do MEC, 60% menos que os R\$ 23,2 bilhões orçados em 2018, ano da eleição do presidente Jair Bolsonaro. Na montagem final do Orçamento de 2021, ainda foram bloqueados R\$ 2,7 bilhões destinados ao ministério.

Ribeiro continuou executando o projeto de Bolsonaro de esvaziar o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligado ao MEC, responsável pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

CONECTIVIDADE

O ministro também foi contra a Lei 14.172/2021, aprovada pelo Congresso Nacional, que prevê o repasse de R\$ 3,5 bilhões da União para ajudar os governos estaduais e do Distrito Federal a custearem o acesso à internet de alunos e professores da educação básica pública. Ele apoiou o veto de Bolsonaro à lei e ainda justificou, que mesmo em uma pandemia internet, ou à distribuição de tablets, notebooks, computadores para os estudantes carentes não é prioridade.

O veto de Bolsonaro foi derrubado pelo Congresso, mas logo em seguida, o governo recorreu ao STF pelo direito de não cumprir a lei.

O ministro disse durante uma audiência pública no Senado que "a questão da conexão é importantíssima, mas, como gestor, acredito que haja outras prioridades".

A deputada federal Tabata Amaral (PDT-SP) criticou o pronunciamento do ministro e afirmou: "Chega de mentiras e discursos vazios. O MEC tinha R\$1,2 bi em conta para preparar as escolas para uma volta às aulas e não gastou nada. Não há coordenação federal na pandemia. O governo briga na Justiça para não dar conectividade e é contra todos os projetos da Bancada da Educação", escreveu.

"Tudo isso enquanto temos milhões de alunos fora da escola e o menor número de inscrições no ENEM em 13 anos. O ministro precisa se preocupar menos com discursos mentirosos na TV, e mais em efetivamente trabalhar na coordenação e apoio para a volta às aulas!".

Após declarar o retorno das aulas, o ministro afirmou que "O Ministério da Educação não pode determinar o retorno presencial das aulas, caso contrário, eu já teria determinado".

Porém há um esforço por parte dos governadores para a retomada das aulas, mesmo com a ausência de suporte financeiro do MEC para que isso ocorra.

De acordo com levantamento realizado pelo Jornal Nacional, ao menos 10 estados já retomaram as aulas e 11 retomarão as atividades até 17 de agosto. Apenas 5 estados estão sem datas previstas. Até o momento, São Paulo, Maranhão, Amazonas, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Santa Catarina e Tocantins já retomaram as aulas presenciais. Vale destacar que dentre os estados que mesmo sem apoio federal retomaram as aulas, estão os mais populosos do país, portanto, a maioria dos estudantes brasileiros estão em plena retomada das atividades.

Governo quer cortar vale refeição de 22,3 milhões de trabalhadores



Cerca de 280 mil empresas no país acatam o benefício do vale-alimentação



Servidores públicos preparam mobilização nacional contra PEC da reforma administrativa

Os servidores públicos farão um encontro nacional nos próximos dias 29 e 30 de julho para debater ações contra a proposta de reforma administrativa (PEC 32), apresentada pelo governo Bolsonaro. O movimento dos servidores conta com o apoio das centrais sindicais e não descarta a realização de uma paralisação geral contra o projeto.

De acordo com as entidades, que realizaram uma Live de Mobilização para o encontro na última sexta-feira, 16, a medida "ameaça não só os direitos trabalhistas como também os serviços públicos essenciais para o povo brasileiro".

Em sua nota de convocação, a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) afirma que boa parte da proposta consiste em retirar os concursos públicos como modalidade prioritária de contratação, enfraquecer ou eliminar a

estabilidade dos servidores e reduzir os salários da categoria, além de transferir atividade pública para a iniciativa privada.

O diretor da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Condsef-CUT), Pedro Armengol, afirma que a reforma vai retirar os mais pobres do orçamento acabando com os serviços públicos que atendem a população. "Compromete a universalização e equidade na prestação dos serviços públicos. E praticamente destrói a perspectiva de um estado social prestador de serviço", afirmou Armengol ao Seu Jornal, da TVT.

Outro ponto denunciado pelos servidores e pelas centrais é que, além de acabar com a estabilidade do funcionalismo, deixando-o a mercê das mudanças de governo e das vontades políticas dos gestores dos diferentes mandatos, a reforma

amplia a possibilidade de nomeação de cargos comissionados, os chamados cargos de confiança, possibilitando o aparelhamento e facilitando esquemas de corrupção como as "rachadinhas", modalidade criminal bem conhecida pela família Bolsonaro.

"É uma PEC que permite a corrupção, na medida em que teremos pessoas sem vínculos com o Estado e a população. O vínculo dele é com o político que o indicou", afirmou o presidente do Sindicato dos Servidores Municipais de São Paulo (Sindsep), Sérgio Antiquiera.

Por isso, diz comunicado da CTB, os sindicatos, movimentos sociais, frentes e fóruns de servidores públicos, estão se reunindo no Fórum dos Servidores Públicos das Centrais Sindicais para enfrentar e derrotar a PEC da destruição dos serviços públicos.

Câmara acaba com piso salarial de cinco profissões e conselhos federais reagem

A Câmara dos Deputados revogou o piso salarial para os formados em Agronomia, Arquitetura, Engenharia, Química e Veterinária em vigor desde 1966. O argumento é o mesmo utilizado para aprovar as "reformas" trabalhista e da previdência de desburocratizar as relações de trabalho, um eufemismo para dizer que pretende tirar direitos para aumentar o lucro das empresas.

Agora, os conselhos federais dessas categorias se mobilizam para reverter a medida no Senado e cogitam até mesmo judicializar a questão.

A revogação do piso está prevista no texto final da medida provisória (MP) 1.040, criada sob o pretexto de "facilitar a abertura de empresas". A redação aprovada pela Câmara é de autoria do deputado federal Marco Bertaiolli (PSD-SP) e conta, em seu artigo 57, com um "revoação" de 33 leis ou trechos de leis.

Entre elas, revoga a Lei nº 4.950-A, que garante o piso salarial dessas cinco categorias – aos formados em cursos de graduação de quatro anos, o piso é de seis salários-mínimos (R\$ 6,6 mil) e para cursos de menor duração, como cursos técnicos, o piso é de cinco salários (R\$ 5,5 mil).

Para o senador Fábio Conrataro (Rede-ES), "não há justificativa para a retirada do salário-mínimo desses trabalhadores. A fixação de valores mínimos para o exercício das

atividades profissionais é proporcional à extensão e à complexidade do trabalho".

"A revogação vai na contramão do direito à remuneração digna para atender às necessidades vitais básicas do trabalhador, o que viola frontalmente o princípio da dignidade da pessoa humana", completa.

O senador também argumenta que a inclusão desses artigos na MP é inconstitucional, pois não tem relação com o escopo principal da medida provisória, o chamado "jabuti" no jargão do Congresso Nacional.

O senador Esperidião Amin (PP/SC), também contrário à revogação do piso, apresentou um requerimento para que simplesmente seja descontado o trecho do projeto que suprime a lei do piso. Ele alega, como também já foi denunciado pela FNE, que essa parte, surgida por meio de uma emenda "jabuti", não tem pertinência temática à MP.

"O Projeto de Lei de Conversão nº 15, de 2021, proveniente da Medida Provisória (MPV) nº 1.040, de 2021 inclui também tema totalmente estranho ao objeto da MPV que, em seu texto, não trata de remuneração de profissionais", diz o senador Amin no requerimento.

Citando decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de 2015, o senador afirma que é inconstitucional "a apresentação de emendas sem relação de pertinência temática com medida provisória".

Ana Elisa Fernandes de Souza Almeida, vice-presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), afirma que a desregulamentação dos salários dos profissionais pode trazer mais prejuízos na qualidade dos serviços prestados do que uma eventual economia na folha de pagamento das empresas e questiona como o fim do piso salarial das categorias melhoraria o ambiente de negócios no país.

"A remuneração de profissionais habilitados não é uma mercadoria que deva ser regulada apenas pela oferta e pela demanda. Essa emenda vai atingir mais de 1 milhão de profissionais, com uma mudança danosa para a população, que é quem será atingida na ponta pela precarização dos serviços", avalia ela. "Um serviço não qualificado tem mais custo do que uma pequena economia de salário".

Para o professor do departamento de Economia da UnB, José Luis Oreiro, "acabar com o piso dessas categorias é uma resposta burra para um problema real".

"De fato, houve uma redução dos lucros das empresas do setor não financeiro na última década, mas há duas maneiras de reagir: A maneira inteligente é aumentar a produtividade por meio de investimentos e atualização tecnológica. A resposta burra é reduzir os custos trabalhistas, com a redução na marra dos salários", disse.

Proposta de Bolsonaro retira de empresas o abatimento no Imposto de Renda sobre os benefícios dos vales alimentação e refeição

A proposta de Reforma Tributária do governo Bolsonaro pode acabar com o vale-refeição e alimentação dos trabalhadores. A possibilidade de extinção ocorre porque, de acordo com o projeto, as empresas que concedem esses benefícios deverão deixar de abater a despesa no Imposto de Renda.

Cerca de 280 mil empresas em todo o país acatam os benefícios para parte dos 22,3 milhões de trabalhadores dessas firmas. Sem os incentivos, a proposta pode acarretar na decisão dos empresários de cortar os benefícios de vale-alimentação e vale-refeição disponibilizados aos funcionários.

Os benefícios fazem parte do PAT (Programa de Alimentação do Trabalhador), criado em 1976 para reduzir o nível de desnutrição de quem trabalhava com carteira assinada.

O Programa aumenta a produtividade das empresas, e reduz os acidentes de trabalho, que são potencializados pelo fato de, antes da instituição do Programa, constantemente, o trabalhador cumpria sua jornada de trabalho com alimentação precária ou sem alimentação nenhuma. Segundo o Banco Mundial, a alimentação adequada pode aumentar a produtividade nacional em 20%.

Conforme a OIT, a nutrição adequada tem impactos positivos na saúde e na segurança ocupacional. Para o doutor em direito, Roberto Baungartener, vice-presidente do IBDC, Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, "no Brasil, o número de trabalhadores no PAT aumentou em 10,8% de 2012 a 2017, sendo que no mesmo período ocorreram menos de 164.579 acidentes de trabalho, conforme dados do governo".

Bolsonaro anunciou a sua pretensão de extinguir o Programa, através de seu ministro Paulo Guedes,



Reajustes salariais ficam abaixo da inflação há um ano, aponta Fipe

Levantamento feito pelo Salariômetro, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), constatou que em junho completou um ano sem ganho real para os trabalhadores, com reajuste médio abaixo da inflação.

De acordo com a pesquisa, que acompanha negociações registradas no Ministério da Economia, o reajuste salarial médio ficou em 8,3%, enquanto o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) foi de 8,9%, entre junho de 2021 e junho de 2021.

A profunda crise econômica, agravada pela crise sanitária, fez os reajustes acordados entre patrões e empregados ficarem iguais ou abaixo da inflação.

Enquanto os salários sofrem perdas, de acordo com os dados do Indicador de Inflação por Faixa de Renda do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a inflação tem sido muito maior para os mais pobres.

Nos últimos doze meses, a taxa de inflação para as famílias de renda muito

que patrocina a Reforma Tributária, relatada pelo deputado Celso Sabino, do PSDB do Pará, contida no PL 2337/21, que propõe em seu artigo 42 a revogação total dos subsídios referentes ao PAT.

Além dos trabalhadores, a medida, se aprovada como consta no relatório, também afetará o setor de bares e restaurantes. "O trabalhador pode perder um benefício com a aprovação da proposta. Se o empregador deixa de conceder esse benefício, isso terá impacto negativo no faturamento de bares e restaurantes, um dos mais afetados pela pandemia, com as medidas que restringem a circulação de pessoas", declarou o economista-sênior da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), Fábio Bentes.

"Com a reforma tributária o governo busca meios de arrecadar mais à custa da classe trabalhadora, preservando os interesses dos ricos, que exercem considerável pressão em Brasília. Eles têm muito dinheiro e influência sobre o Palácio do Planalto, que não tem a coragem de propor a instituição de um imposto sobre grandes fortunas e o aumento das alíquotas sobre grandes heranças, entre outras iniciativas para onerar os ricos e forçá-los a contribuir mais", afirmou a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB).

"Temos que impedir mais esse ataque aos nossos direitos. A categoria bancária conquistou o benefício do vale-refeição e do vale-alimentação com muita luta. Esse governo negocia aliviar o imposto sobre dividendos para atender aos mais ricos, para as grandes empresas e, ao mesmo tempo, retira direitos dos trabalhadores", criticou a presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Juvandina Moreira.



Caminhoneiros fazem protestos e paralisações contra política de preços dos combustíveis

Caminhoneiros autônomos iniciaram neste domingo paralisações e protestos contra a política de preços dos combustíveis implementada pelo governo Bolsonaro, baseada na paridade internacional que já impôs oito aumentos consecutivos desde o início do ano.

De acordo com o Conselho Nacional do Transporte Rodoviário de Cargas (CNTRC), há adesão de condutores em diversos estados. Pela manhã desta segunda-feira, caminhoneiros do Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Ceará estenderam faixas em atos próximos à rodovia Presidente Dutra. Em São Paulo, foram registrados atos no Porto de Santos, em São José dos Campos e em Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba. Houve protestos também em Minas Gerais, na Paraíba e na Bahia.

De acordo com Carlos Alberto Littt Dahmer, secretário nacional de Políticas Sociais e Acessibilidade da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística (CNTTL) e presidente do Sinditac (Sindicato dos Transportadores Autônomos de Carga) de Ijuí-RS, "estamos nessa luta em defesa do Piso Mínimo de Frete, preço justo do Diesel e pela aposentadoria especial com 25 anos de contribuição. Precisamos dar um basta aos preços do Diesel", afirmou, ressaltando que na região de Ijuí, "só estão circulando os caminhões das empresas".

"É necessário rever essa política. Em 2018 o Brasil parou porque o diesel estava em R\$2,93 por litro. Hoje, o diesel é no mínimo R\$4,30 por litro e os fretes pagos pelo transporte de cargas são os mesmos de 2018: 60% do valor do frete é gasto com combustível", defendeu Littt.

Nos protestos, faixas continham frases como "Estamos no limite", pedidos de preço justo do diesel e lembretes ao cumprimento da lei 13.703/2018, que instituiu a Política Nacional de Pisos Mínimos do Transporte Rodoviário de Cargas. Em Brejo Santo (CE), caminhoneiros colocaram pneus na estrada para sinalizar a parada.

Em Salvador, a BR 324 ficou paralisada na madrugada desta segunda. No Rio Grande do Norte, em vídeos divulgados na internet, caminhoneiros afirmam que "essa política traz carga excessiva. A gente pede a derrubada disso, não tem condições de ficar com essa política. A gente pede socorro aos nossos governantes". "Se tiver que parar, nós vamos parar. A gente está defendendo uma categoria que está sucateada", completou.

No Espírito Santo, caminhoneiros fecharam uma das pistas da BR-101, na altura do km 308, em Viana. O movimento conversava com caminhoneiros que passavam pelo local a fim de mobilizá-los para a paralisação.

Além da revisão da política de preços dos combustíveis, a categoria reivindica ainda maior fiscalização nas estradas para cumprimento do piso mínimo de frete e a aposentadoria especial para os motoristas a partir de 25 anos de trabalho, pelo caráter insalubre de sua atividade profissional.

'Fechar Associações de Militares é tentativa de represália', diz entidade

A Associação de Militares das Forças Armadas do Estado de São Paulo (Amfaesp) teve o seu CNPJ cancelado pela Receita Federal após ofício enviado pela Advocacia Geral da União (AGU) em uma ação que visa o fechamento de organizações militares.

Segundo reportagem divulgada pelo portal Uol, a ação tem como alvo a Amfaesp e outras seis organizações militares com o argumento de que teriam atuado contra a reforma da Previdência, há dois anos, em "atividades típicas de sindicato".

O fechamento da Associação foi considerado pelas organizações como perseguição de Bolsonaro sem que haja oportunidade de defesa. "Não tivemos oportunidade de defesa, não sei como isso ocorreu. Na quarta-feira [21], chegou um aviso pelo correio, um absurdo", denuncia Calebe Almeida de Jesus, presidente da Amfaesp.

Para Adão Farias, sargento da Aeronáutica e diretor da Associação de Militares Inativos de Guaratinguetá e Adjacências (Amiga), outra organização alvo da AGU, a iniciativa se assemelha a ações do regime militar, que em 1964 determinou o fechamento de associações que reivindicavam os direitos dos cabos e soldados.

"Bolsonaro sempre se elegeu defendendo o direito dos militares de baixa patente e, agora que é presidente, seu governo quer punir as associações que representam justamente esse grupo", disse Adão.

O argumento apresentado à Procuradoria-Geral de Justiça Militar, em documento enviado pela AGU, é o de que "atividades típicas de sindicato", seria algo vedado por lei. O documento motivou a abertura de Inquérito Policial Militar (IPM) pelo Ministério Público Militar para apurar o fato.

Para o presidente do Instituto Brasileiro de Análise de Legislações Militares, Cláudio Lino, entidade citada pela AGU, "é absurdo que André Mendonça [Advogado Geral da União], que deve ir para o Supremo Tribunal Federal, se permita ser usado pelo governo para uma vingança. Esse inquérito é totalmente ilegítimo."

"A AGU mandou o documento para o Ministério Público Militar que não é parte legítima, além disso abriram inquérito sem ter fato específico, sem acusação determinada", diz Cláudio.

"É represália pela mobilização, que aconteceu em outubro de 2019, quando as associações agiram estritamente dentro da lei. Eles deixaram passar o tempo para fazer a represália", protesta Faria.

"O único objetivo dessa mobilização foi dar informações aos parlamentares que estavam votando a lei sobre os prejuízos que seriam causados para uma parcela dos praças e oficiais de baixa patente. O objetivo é cancelar o CNPJ das entidades, como fizeram com a Amfaesp", completou.



Jose Carlos Angulo / AFP

“É hora de unir forças”, enfatiza o presidente Peru: presidente Castillo chama “unidade para ativar economia e dar combate à pandemia”

“Vamos declarar guerra à pandemia, porque em primeiro lugar está a saúde do povo peruano”, declarou Pedro Castillo após receber as credenciais que o qualificam como presidente.

“Como presidente da República, convoco todos os partidos políticos, todos os sindicatos, os povos indígenas e organizados, as associações profissionais, universidades e acadêmicos à mais alta unidade”, assinalou Pedro Castillo, no ato de receber formalmente do Juri Eleitoral Nacional suas credenciais como vencedor das eleições e presidente eleito do Peru, na sexta-feira (23).

Sublinhando que os problemas do país só podem ser superados com a unidade de todos, Castillo exortou os diferentes setores políticos e sociais a trabalharem juntos: “Deste espaço abrimos as portas a quem não pensa como nós, a outras forças políticas. Hoje é a hora de unir forças”.

“Vamos declarar guerra à pandemia, porque em primeiro lugar está a saúde do nosso povo”, enfatizou. Ao declarar que “vamos nos preocupar em reativar a economia do povo peruano, de todas as classes”, acrescenta seu apelo a “todo o povo peruano, para que façamos o mais imediato esforço no âmbito da unidade mais ampla para acabar com essas desigualdades que afetam o povo peruano”.

“O povo é o governo. Essa luta não pode ser traída”, disse logo depois o professor rural e dirigente sindical para uma multidão entusiasmada em um ato na noite de sexta-feira. “Peço-lhes que fiquem vigilantes. Vocês estiveram vigilantes antes, durante e também estarão vigilantes depois, neste caminho que empreendemos. Não vim apenas pedir-lhes para serem vigilantes do governo, mas também que sejam integrantes do governo. Vocês são o governo. O povo é o governo. Ajudem-nos irmãos a dirigir este trabalho. Este é o trabalho do povo peruano. Esta é a nossa luta. Não vamos trair o povo. Essa luta não pode ser traída”, afirmou.

Castillo falou com seus simpatizantes de uma varanda com vista para Praça San Martín, no centro de Lima, localizada a poucas quadras do Palácio do Governo, e que é cenário tradicional de manifestações políticas e protestos sociais. O professor que vem de uma das zonas andinas mais pobres do país, e que agora 28 assume a presidência do Peru, lembrou sua participação nas lutas sindicais daquela mesma praça, que desta vez o recebeu como presidente eleito. “Aprendi a lutar nesta praça junto com vocês, com os operários e os camponeses. A lembrança mais querida é a luta com os professores de todo o país. Graças à luta temos agora um projeto político, uma alternativa para o país”, asseverou.

Na próxima semana será eleita a direção do Congresso unicameral de 130 cadeiras, que deve configurar o conjunto dos poderes do país andino.

Nicarágua: o regime de Ortega prende sétimo candidato da oposição

Com a contagem regressiva para as eleições presidenciais de 7 de novembro, em que Daniel Ortega pretende se reeleger pela quarta vez consecutiva, a Polícia da Nicarágua prendeu mais um pré-candidato opositor, o quinto, em três semanas e o 7º desde que as eleições se colocaram.

Noel Vidaurre – considerado conservador – está em prisão domiciliar desde o sábado (24).

Agora, a menos de quatro meses das eleições de sete de novembro, a guarda de Ortega adotou a mesma medida repressiva contra o comentarista político Jaime Arellano, igualmente crítico do governo. Ambos foram intimados a depor perante o Ministério Público e agora permanecem em suas casas “sob custódia policial”.

Na Nicarágua, as candidaturas para presidência devem ser feitas no prazo estabelecido, de 28 de julho a 2 de agosto e caso uma pessoa se encontre sob investigação de crimes ou prisão, não poderá se candidatar.

O informe policial anunciou investigações contra Arellano e Vidaurre, por realizarem atos que atentam contra a independência e incitam à ingerência estrangeira nos assuntos internos, entre outros delitos na chamada “Lei de Soberania”. Da mesma forma, segundo o comunicado oficial, são investigados por “pedir intervenções militares, organizarem-se com financiamento de potências para executar atos de terrorismo e desestabilização”.

As acusações são as mesmas apresentadas contra outros 26 outros adversários presos desde 27 de maio passado, entre eles os candidatos à presidência Cristiana

Chamorro (também sob prisão domiciliar), Arturo Cruz, Juan Sebastián Chamorro, Félix Maradiaga, Miguel Mora e Medardo Mairena.

Também foram detidos os ex-vice-chanceleres Víctor Hugo Tinoco e José Pallais, e os ex-guerrilheiros sandinistas dissidentes Dora María Téllez e Hugo Torres, assim como quatro dirigentes opositoras, dois dirigentes universitários, um jornalista e dois empresários, entre outros.

Noel Vidaurre foi um dos candidatos presidenciais da aliança Cidadãos pela Liberdade (CxL), que assim como Cruz, Juan Sebastián Chamorro e Mairena, foram presos após testemunhar perante o Ministério Público. Outra candidata do CxL foi a advogada María Asunción Moreno, que abandonou o país após ser convocada pelo Ministério Público.

Por sua vez, após declaração no Ministério Público, Jaime Arellano disse que foi questionado por criticar um recente discurso de Ortega e que foi advertido de que poderia ser acusado sob a Lei de Cibercrimes. Para o comentarista, isso é “parte do mecanismo de intimidação” dos opositores.

O escritor Sergio Ramírez, vencedor do Prêmio Cervantes 2017, denunciou que “a mão desajeitada da injustiça ditatorial na Nicarágua está perseguindo e fazendo reféns mulheres e homens dignos de todas as condições sociais, aterrorizando suas casas”. Ex-vice-presidente durante o primeiro governo de Ortega (1985-1990) e dissidente da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) no poder, Ramírez reiterou que se sentia “totalmente identificado” com pessoas dignas que estão sofrendo por divergir.

Carta de intelectuais e artistas exige o fim do bloqueio dos EUA a Cuba



Com esta foto e o título “Deixe Cuba viver”, a carta foi publicada no NYT

Americanos solidários já enviaram dois milhões de seringas para combater a Covid-19 em Cuba

Cuba é o primeiro país latino-americano a desenvolver com êxito uma vacina contra o coronavírus, a Soberana O2, e estava impedida pelo bloqueio de administrar milhões de doses por não contar com seringas. O crime de lesa-Humanidade vem sendo denunciado e derrotado pelos Movimentos de Solidariedade.

O Movimento de Solidariedade a Cuba nos Estados Unidos anunciou nesta terça-feira (20) os primeiros êxitos da campanha de seis milhões de seringas de injeção para combater o coronavírus, ao mesmo tempo em que fez uma conclamação pela eliminação imediata do criminoso bloqueio. Até o momento, cerca de dois milhões de seringas já chegaram ao país.

Durante uma conferência de imprensa na embaixada de Cuba, em Washington, representantes do Movimento defenderam a paz, a solidariedade e o amor, especialmente neste momento de recrudescimento do cerco, no contexto da Covid-19, em que se agrava o seu caráter de lesa-Humanidade.

Primeiro país latino-americano a desenvolver com êxito uma vacina contra o coronavírus, Cuba ficou impossibilitada de administrar milhões de doses devido ao bloqueio impossibilitando a compra de seringas. Vale ressaltar que a aplicação de duas doses da vacina Soberana O2, combinada com uma da Soberana Plus, alcançou uma eficácia de 91,2% para prevenir a doença sintomática causada pelo coronavírus. A Soberana O2 alcançou ainda eficácia de 75,5% contra a infecção pelo coronavírus, e 100% para sintomas severos da doença e morte.

Frisando a necessidade da unidade de ambos os povos e reiterando a relevância da urgência de uma resposta contundente, estadunidenses de todos os lugares do país contribuíram com mais de meio milhão de dólares.

A ativista Medea Benjamín assinalou que o grupo con-



Objetivo da campanha é enviar 6 milhões de seringas

tinuará recolhendo dinheiro não apenas para seringas, como para medicamentos e suprimentos, incluindo antibióticos, analgésicos, vitaminas e outros paliativos para pessoas com hipertensão, câncer e diabetes, como demonstração da força do movimento estadunidense de solidariedade com o povo cubano.

FIM DO BLOQUEIO

Medea recordou o apoio recebido dos cubano-americanos devido ao trabalho desenvolvido pelo professor Carlos Lazo e seu projeto “Pontes de Amor”, que realiza durante estes dias uma caminhada sem precedentes de dois mil quilômetros reivindicando do presidente Joe Biden o fim do bloqueio e das sanções, em especial a suspensão das 243 recentes restrições impostas por Trump na cruel tentativa de asfixiar a Ilha.

Ao mesmo tempo em que denunciou os impactos causados no cotidiano da maior Ilha das Antilhas, Medea tem destacado nos diferentes meios de comunicação internacional a abnegação, o empenho e o compromisso das equipes médicas cubanas ao redor do mundo, salvando milhões de vidas. Ela recordou que quando iam de automóvel fazendo a apresentação da campanha alguém os parou, tirou de seu bolso 20 dólares e declarou que a contribuição era em reconhecimento

à doação dos cubanos. “É uma campanha em que ajudaram pessoas com recursos limitados, porém com uma grande vontade de ajudar”, enfatizou.

Cubano residente nos EUA, Félix Sharpe-Caballero sublinhou não só a necessidade de ambos os povos, como a vontade da maioria dos nacionais que vivem no exterior de apoiar ao seu país.

CAMPANHAS

A compra e o envio dos medicamentos foram organizados pela organização humanitária da área médica Global Health Partners.

Entre os grupos que arrecadaram fundos estão a Campanha #SavingLives (coalização de dezenas de organizações opostas ao bloqueio), a Democratic Socialists of America (DSA) e dois grupos conformados por cubano-americanos: o Movimento Não ao Embargo a Cuba e Pontes de Amor.

Conforme apontaram as organizações, os dois países restabeleceram seus laços após o anúncio realizado pelos presidentes Barack Obama e Raúl Castro em dezembro de 2014, porém houve um retrocesso durante o mandato de Donald Trump (2017-2021), que adotou medidas extremamente coercitivas ainda vigentes, levando a uma agudização ainda maior do bloqueio.

Oliver Stone, Chico Buarque e Jane Fonda estão entre os 440 intelectuais, clérigos, artistas e líderes políticos de todo o mundo que, em carta aberta a Biden, exigem o fim do bloqueio a Cuba

Sob o título “Deixe Cuba viver”, 440 intelectuais, clérigos, artistas, líderes políticos e ativistas de todo o mundo publicaram nesta sexta-feira uma carta aberta ao presidente dos EUA, Joe Biden, no jornal The New York Times, exigindo que levante imediatamente o bloqueio a que a Ilha é submetida e já dura seis décadas.

Amissiva assinada por intelectuais como Noam Chomsky, Gayatri Spivak, Roxanne Dunbar-Ortiz, Judith Butler e Cornel West (líder do movimento Black Lives Matter); artistas como Oliver Stone, Chico Buarque de Hollanda, Jane Fonda, Susan Sarandon, Danny Glover, Wagner Moura e Mark Ruffalo, e políticos como os ex-presidentes Lula, do Brasil e Rafael Correa, do Equador, é uma iniciativa do Centro Memorial Martin Luther King e das organizações The People’s Forum e Codepink para “mudar a política imoral e míope dos Estados Unidos em relação a Cuba” e “fornecer medicamentos e suprimentos médicos muito necessários para o povo cubano”.

“Parece-nos inconcebível, especialmente durante uma pandemia, bloquear intencionalmente as remessas e o uso de instituições financeiras globais por parte de Cuba, visto que o acesso a dólares é necessário para a importação de alimentos e medicamentos”, destaca o documento

“Quando a pandemia atingiu a ilha, seu povo e seu governo perderam bilhões em receitas do turismo internacional que normalmente iriam para o sistema público de saúde, distribuição de alimentos e ajuda financeira”, assinala a carta e lembra que, no dia 23 de junho, a maioria dos Estados membros das Nações Unidas votou por pedir aos Estados Unidos o fim do bloqueio.

Os signatários exigem uma mudança de rumo nas relações entre os Estados Unidos e Cuba. Assinalam que no dia 12 de junho, por meio de um comunicado, Biden manifestou seu apoio ao povo cubano. “Nesse caso, pedimos que assinem imediatamente uma ordem executiva e anule as 243 medidas coercitivas do ex-presidente Donald Trump”, sublinha a carta.

MARCHA

Após quase um mês de caminhada, centenas de ativistas, acadêmicos e sindicalistas cubanos que residem nos EUA e norte-americanos, se concentraram diante da Casa Branca exigindo a suspensão

Colombianos ocupam as ruas e apresentam reivindicações aos deputados no Dia da Independência

Milhares de colombianos voltaram às ruas contra o governo de Iván Duque, na terça-feira (20)

Os protestos se deram no momento em que o novo Parlamento tomava posse, em Bogotá, capital onde os principais porta-vozes dos protestos apresentarão suas reivindicações.

O Comitê Nacional de Paralisação, CNP, formado por sindicatos, estudantes, indígenas e outras organizações sociais, havia suspenso as mobilizações no dia 15 de junho. Agora ocorre a volta às ruas no Dia da Independência da Colômbia com o objetivo de levar suas exigências à Assembleia Legislativa. “As nossas reivindicações serão apresentadas ao Congresso porque o governo não quis negociar”, assinalou Francisco Maltés, presidente da Central Unitária de Trabalhadores (CUT).

As propostas que o Comitê deve discutir com os parlamentares logo no início das sessões ordinárias são: renda básica de US\$ 261 por sete meses para dez milhões de pessoas, ensino superior público gratuito universal, fortalecimento da rede pública de saúde, apoio à reativação econômica das Pequenas e Médias Empresas e do setor agropecuário, entre outras medidas. O CNP também pediu ao governo “garantias de segu-

das medidas unilaterais de bloqueio contra Cuba. O ato, dos integrantes do projeto “Puentes de Amor”, conclui uma caminhada de 2 mil quilômetros que durou quase um mês para chegar neste domingo (25) a Washington D.C.

Carlos Lazo, um professor cubano-americano de ensino médio, liderou a caminhada iniciada em Miami. Com bandeiras cubanas, faixas contra o embargo e cubano-americanos entoando “Cuba sim, bloqueio não”, quebrando assim a narrativa do governo Biden de que suas políticas representam os desejos daquela comunidade. Ao final da sua peregrinação que começou no dia 27 de junho, a marcha chegou ao Lincoln Memorial.

Lazo destacou que as sanções norte-americanas são criminosas, especialmente durante a pandemia, e causam a morte de habitantes da ilha. Ele as classificou como uma violação dos direitos humanos de 11 milhões de cubanos.

Do Lincoln Memorial os participantes da caminhada dirigiram-se às proximidades da Casa Branca, na Praça Lafayette, onde centenas de apoiadores se concentraram para exigir que Biden cumpra suas promessas eleitorais de reativar a política de abertura e normalização promovida por Barack Obama, e denunciaram as novas medidas e retórica de agressão de seu governo em últimos dias.

“É ilegal usar a fome como arma de política externa”, denunciou o advogado José Pertierra, veterano analista da relação bilateral com a ilha. “Senhor Presidente Biden, o senhor parece mais ‘Trumpzinho’ do que o vice-presidente que era antes”, e destacou que o atual presidente manteve em vigor as 243 medidas de sanção impostas a Cuba por seu antecessor, na tentativa de agradar os fascistas cubanos da Flórida. “Não se pode entregar a política externa a Miami... e espero que não dê ouvidos ao prefeito de Miami que quer que os Estados Unidos joguem bombas em Cuba”, assinalou.

E finalizou: “Senhor Biden, tire o joelho de nossos pescos e deixe Cuba respirar”.

A manifestação pelo fim das sanções de Washington contra Cuba teve apoio de várias das personalidades e organizações que, na última sexta-feira, assinaram a carta aberta “Deixe Cuba viver” publicada no jornal The New York Times, exigindo que o presidente dos Estados Unidos levante imediatamente o bloqueio a que a Ilha é submetida e que já dura seis décadas.

Macron manda investigar espionagem através de seu celular com vírus espião israelense

O presidente francês, Emmanuel Macron, ordenou diversas investigações a serem realizadas depois que seu celular foi invadido mediante o uso de um malware (software de invasão) de nome Pegasus que é produzido pela empresa israelense NSO que vende serviços de espionagem.

Assim como o celular de Macron, também foram espionados 14 ministros do governo francês e ainda o ex-primeiro-ministro Édouard Philippe.

A informação foi do primeiro-ministro Jean Castex, em declaração desta quarta-feira (21). Segundo ele o esforço é “lançar luz sobre estas revelações”.

Castex declarou que o governo “vai examinar tudo isso muito de perto dado potencial de sério dano”.

As denúncias são de que a bisbilhotagem por governos ditatoriais sobre os celulares de ativistas e jornalistas implicou na invasão de 50 mil números de telefones e que ao menos 180 jornalistas foram atingidos.

As investigações jornalísticas que levaram à explosão das denúncias envolveram a organização Forbidden Stories



Além do presidente, 14 ministros foram grampeados

com sede em Paris, a Anistia Internacional que atuaram em conjunto com 16 organizações de mídia e 80 jornalistas.

Entre as graves denúncias, há a de que a noiva do jornalista saudita, Kahogi, esquartejado em um consulado da Arábia Saudita na Turquia, foi invadido por este software.

Em matéria do dia 21, o jornalista israelense Haaretz aponta o ex-primeiro-ministro de Israel, Bibi Netanyahu, como o principal agenciador das vendas do

malware Pegasus a governos de cunho ditatorial com os quais contactava. Entre eles a Arábia Saudita e a Hungria.

No Brasil, os empresários da NSO, produtora da Pegasus estiveram presentes em conferências sobre segurança e disparados de militares israelenses na turma de “resgate” enviada por Israel durante o desastre de Brumadinho. Bolsonaro visitou a sede da empresa de softwares de espionagem dois meses depois.

Scientific American: “China está tomando a dianteira na computação quântica”

A revista Scientific American admitiu em artigo que “China pode estar tomando a dianteira global na corrida pela computação quântica”, com base na “divulgação de três feitos importantes no último mês”.

De acordo com a publicação, “está acirrada” a competição científica entre a China e os EUA, com a Scientific American reconhecendo que a China, desde 2017, já tinha assumido a liderança na corrida pela comunicação quântica, com a transmissão de fótons emaranhados a partir do satélite chinês Micius para “conduzir a primeira vídeo-chamada segura por criptografia quântica”. “Novas pesquisas sugerem que essa liderança também se estende à computação quântica”.

Três artigos postados no arXiv.org no mês passado por físicos da Universidade de Ciência e Tecnologia da China (USTC) relataram importantes avanços tanto na comunicação quanto na computação quântica, registra o autor, Daniel Garisto.

“Em um dos estudos, os pesquisadores usaram semicondutores em escala nanométrica, os pontos quânticos, para transmitir fótons únicos – um recurso essencial para qualquer rede quântica – por mais de 300 km de fibra, uma distância 100 vezes superior à de experimentos anteriores”.

“Já os cientistas de outro estudo aprimoraram seu computador quântico [Jiu Jiang] fotônico para trabalhar com a detecção de 113 fótons, em vez de apenas 76, uma atualização impressionante de sua ‘superioridade quântica’, ou seja, a diferença da velocidade com que a máquina realiza uma tarefa específica, em comparação a computadores clássicos”.

ZUCHONGZHI

E o terceiro artigo “apresentou o Zuchongzhi, um computador quântico dotado de 66 qubits que completou uma operação usando 56 qubits – valor próximo dos 53 qubits usados no computador quântico Sycamore do Google, que estabeleceu um recorde de desempenho em 2019” – e que, como o projeto norte-americano, usa um processador quântico com base em supercondutores.

O Zuchongzhi – o nome é homenagem a um matemático e astrônomo chinês do século V – foi criado pela mesma equipe que já apresentara o Jiu Jiang com circuitos óticos.

Aqui vale um parêntese, para citar outro artigo da Scientific American, sobre o Zuchongzhi. “Em sua demonstração, os pesquisadores usaram apenas 56 desses qubits para resolver um problema bastante conhecido: a amostragem da distribuição de saída de circuitos quânticos aleatórios”.

Tarefa que requer uma variedade de habilidades computacionais que “envolvem análise matemática, teoria de matrizes, cálculo da complexidade e teoria da probabilidade”, fazendo com que seja “aproximadamente 100 vezes mais desafiadora” do que a tarefa realizada pelo Sycamore. O Zuchongzhi apresentou seus resultados em pouco mais de uma hora.

DOIS AVANÇOS EM UMA SEMANA

“É um acontecimento empolgante. Eu não sabia que eles estavam lançando não um, mas dois desses [resultados da computação quântica] na mesma semana”, disse Scott Aaronson, um cientista da computação da Universidade do Texas em Austin à Scientific American. “Isso é incrível”.

Todas as três conquistas “são recordes mundiais em suas respectivas áreas”, registra a Scientific American, que ressalta, porém, o computador quântico Zuchongzhi, em particular, que trata como a “primeira corroboração do resultado do Google em 2019”. Aliás, um resultado que foi questionado nos próprios EUA, por uma equipe concorrente da IBM.

O que explica a reação do ex-pesquisador que liderou na Google o trabalho para construir o Sycamore, John Martinis. “Estou muito satisfeito que alguém tenha reproduzido o experimento e mostrado que ele funciona de fato”. “Isso é muito bom. Os qubits são uma base estável onde essas máquinas podem ser realmente construídas”.

No texto que descreve o experimento do Zuchongzhi, a equipe de pesquisadores chineses destaca que seu trabalho estabelece “uma vantagem computacional quântica bastante clara, algo inviável de ser feito pela computação clássica em um período de tempo razoável. A plataforma de computação quântica programável e de alta precisão abre uma nova porta para a implementação de algoritmos quânticos complexos”.

FÓTONS E CIRCUITOS ÓTICOS

Os dois computadores quânticos operam qubits a partir de princípios diferentes, elétrons e supercondutores, no caso do Sycamore e do Zuchongzhi, e fótons, lasers e circuitos óticos, no caso do Jiu Jiang.

O que implica em diferentes hardware e controles. O computador baseado nos qubits supercondutores é um grande criostato, usando tecnologia de resfriamento em todos os dispositivos relacionados, o que é uma exigência do uso dos supercondutores.

Já os chips fotônicos têm uma aparência completamente diferente. Este é um tipo de matriz na qual guias de luz são literalmente desenhados usando diferentes tecnologias óticas e litográficas, que se cruzam e divergem, formando interferômetros complexos. A luz na forma de estados quânticos se propaga através deles e atinge a saída na forma necessária para resolver um problema específico.

Outra dificuldade é o chamado tempo de decoerência, o que é algo como o ‘tempo de vida’ útil durante o qual é possível manter operacional o qubit fisicamente.

A superioridade tecnológica tem implicações “tanto para ciência quanto para as relações geopolíticas”, observa a revista, que constata que as tensões entre EUA e China estão no ponto mais alto das últimas décadas, com confrontos sobre “comércio, direitos humanos, espionagem, Covid e Taiwan”.

Leia a matéria completa no site do HP

Inépcia de Trump frente à Covid fez cair a expectativa de vida nos EUA



Denise Chandler com fotos de seu pai e marido perdidos para a Covid-19

Repúdio a Bolsonaro se estende de Lisboa a Berlim, Roma e às Olimpíadas de Tóquio

Comunidades brasileiras no mundo inteiro, com o apoio de grupos e simpatizantes progressistas, estão repercutindo o 24J, com uma grande faixa de “Jail Bolsonaro” [“Encarcere Bolsonaro”, mas também um trocadilho bilíngue com ‘Jair’] sendo aberta em Nagoya, levando o protesto até às Olimpíadas de Tóquio.

Em Lisboa, faixas com “Bolsonaro Genocida” foram estendidas no marco zero da cidade, na Praça do Rossio, atendendo à convocação do ‘Coletivo Andorinha’ e da Casa do Brasil. Estão marcados atos também para Coimbra, Porto e Braga.

Praça do Rossio em Lisboa. E ainda Atos nas cidades de Coimbra, Porto e Braga

Do cartão postal de Berlim, o Portal de Bradenburgo, brasileiros e progressistas alemães solidários, com faixas como “Fora Bolsonaro” e “Basta de mortes. Fora governo genocida” rechaçaram o regime negacionista e fascista que assola o Brasil. Atos em andamento em Freiburg, sob convocação do Coletivo Brasil-Alemanha pela Democracia, e ainda Frankfurt, Colônia e Munique.

Berlim: Por justiça contra os crimes de Bolsonaro

Na Espanha, ato em Salamanca, com o principal protesto marcado para Barcelona às 19 horas (horário local).

Presidente Obrador defende troca da OEA por um órgão “que não seja laçao de ninguém”

O presidente mexicano Andrés Manuel López Obrador conclamou pela substituição da Organização dos Estados Americanos (OEA) por um “órgão autônomo, que não seja laçao de ninguém”, durante a cúpula de chanceleres da América Latina e Caribe, realizada no 238º aniversário do nascimento de Simón Bolívar, na capital do México, no sábado (24).

“Vamos manter vivo o sonho de integração de Bolívar”, ele acrescentou, instando a uma nova integração política e econômica “apegada à nossa história e identidades”. Um organismo que – destacou – seja “mediador” nos conflitos das nações em matéria de direitos humanos e democracia, mas “a pedido e sob aceitação das partes”.

E que trabalhe pelo fortalecimento do mercado regional, por uma política de investimento e de proteção do meio ambiente.

“Vamos aplicar os princípios da não intervenção, da autodeterminação dos povos e da solução pacífica dos litígios”, enfatizou o presidente mexicano.

“É inaceitável a política dos últimos dois séculos caracterizada por invasões para colocar e destituir governantes por capricho da superpotência. Vamos dizer adeus às imposições, interferências, sanções, exclusões, bloqueios”.

Na cerimônia em homenagem a



Berlim: julgamento de Bolsonaro por seus crimes



Praça do Rossio, marco zero de Lisboa



Em Roma, “Fora Bolsonaro”, próximo ao Coliseu

Bolívar, a cantora Lila Downs emocionou a todos, cantando “América Latina”, descrita como “um povo sem pernas que caminha”. No refrão, sob aplausos, ela entoou: “você não pode comprar o vento, você não pode comprar o sol, você não pode comprar a minha alegria”.

APOIO A CUBA

López Obrador fez questão de homenagear Cuba, que tem vivido dias difíceis e que, como ressaltou, “há mais de meio século afirma sua independência, confrontando politicamente seu vizinho do norte”.

“Pode-se concordar ou discordar da Revolução Cubana e de seu governo, mas resistir 62 anos sem submissão é uma façanha”, acrescentou.

Ele assinalou que “por sua luta em defesa da soberania de seu país, o povo cubano merece o prêmio de dignidade”. Sob aplausos, apontou que a Ilha, por sua resistência, “deve ser declarada patrimônio mundial”.

O presidente mexicano chamou os países da América Latina e do Caribe a manterem vivo o espírito de Bolívar e sua epopeia pela

unidade do continente. Ele lembrou como o Libertador perdeu batalhas, enfrentou traições e divisões internas, que, salientou, “podem ser até mais danosas [à causa da libertação] que as lutas contra os verdadeiros adversários”.

López Obrador insistiu em que, quanto ao relacionamento com os Estados Unidos, deveria se realizar sob a premissa de George Washington, segundo a qual, “as nações não devem se aproveitar do infortúnio de outros povos” e a dos povos latino-americanos e do Caribe de que “não somos um protetorado, uma colônia ou seu quintal”.

Ele lembrou como o México perdeu metade do seu território em 1848 e “desde então, os Estados Unidos não cessaram de realizar operações abertas ou encobertas contra os países independentes localizados ao sul do rio Bravo”, acrescentou.

López Obrador defendeu ainda que “é hora de uma nova convivência porque o modelo imposto há mais de dois séculos pelos Estados Unidos está esgotado e não beneficia ninguém”.

Leia mais no site do HP www.horadopovo.com.br

Em média, a expectativa de vida caiu 1,5 ano (78,8 para 77,3). A queda, no entanto, não foi igual para todos: hispânicos apresentaram 3 anos de queda, os negros, 2,9 e entre os brancos a perda foi de 1,2 ano

A média da expectativa de vida nos EUA caiu um ano e meio nos últimos 18 meses, conforme dados liberados na quarta-feira (21) pelo governo federal norte-americano.

Segundo os dados, a expectativa de vida no período que vai do início do segundo semestre de 2019 até o final do ano de 2020 caiu de 78,8 para 77,3 anos. Essa queda foi desproporcional, não aconteceu por igual nas diversas camadas da população. Entre os hispânicos a queda foi de 3 anos, enquanto que entre os negros foi 2,9 anos e de 1,2 entre os brancos.

A queda na expectativa de vida foi a maior desde a Segunda Guerra Mundial e foi causada principalmente pela inépcia do governo de Donald Trump que, atolado no negacionismo, levou à morte de 600 mil norte-americanos no período.

Como observou a Dra. Mary Basset, ex-secretária de Saúde da cidade de Nova Iorque e professora em Saúde e Direitos Humanos da Universidade de Harvard, “o coronavírus desnudou as profundas desigualdades quanto ao acesso à saúde, coisa que não superamos”.

Para ela, o fato de que a vacinação se acelerou com o novo governo “não significa que essas perdas serão, com isso, superadas. Isso é mero pensamento sem embasamento”.

Entre os fatores apontados para essa disparidade entre as diversas populações há diferenças entre o acesso a cuidados médicos para os brancos, hispânicos e negros. Além disso, os negros e hispânicos que compõem a maior parte dos trabalhadores com menor escolaridade estão mais condicionados a tomar transporte para ir ao trabalho – enquanto que entre os

brancos a proporção dos empregados em sistemas de home office é maior – assim como a proporção é também diferenciada entre os que trabalham em serviços denominados de ‘linha de frente’, a exemplo de garçons e cozinheiros, motoristas de ônibus, trabalhadores em limpeza e garis.

Além das mortes, há ainda os efeitos para as populações mais atingidas, efeitos que ainda vão perdurar quando a crise da pandemia estiver superada. “Se fosse apenas a pandemia, bastaria que ela viesse a estar sob controle para que retomássemos grande parte das perdas”, afirma a Dra. Elizabeth Arias, uma das pesquisadoras que produziu o informe.

“Podemos seguir vendo os efeitos indiretos da pandemia durante algum tempo adiante”, acrescentou a Dra. Arias.

A questão é que muitos dos norte-americanos cujos parentes morreram na pandemia estão vivendo dolorosas perdas.

É o caso de Denise Chandler, de Detroit, mulher negra, mãe de oito filhos, que se tornou mãe-chefe de família após perder o pai e o marido para a pandemia.

“Eu vejo muitas crianças órfãs e muitas mulheres sem seus maridos”, declarou Denise.

Ela própria teve que ficar sem trabalhar por um ano para ajudar seus filhos a se recuperarem das perdas. Ainda agora, seus filhos, diz ela, ainda imploram para que ela não saia para trabalhar com medo de que ela fique doente e também a percam.

Denise também denuncia que o hospital da sua região, é de qualidade “inferior aos padrões” e que foi para lá que seu marido, Richard, de 35 anos, foi levado acometido do vírus. “Se ele fosse branco, não teria ido parar naquele hospital”, diz ela.

Pandemia nos EUA: 99,5% das mortes e 97% das internações por Covid são de não vacinados

Os Estados Unidos passam por uma situação “crítica” da pandemia do coronavírus, registrando uma alta diária de 40 mil infecções na sexta-feira (23), segundo dados da Universidade Johns Hopkins. As autoridades de saúde do país insistiram em que, embora possa haver infecções entre alguns vacinados, casos graves e mortes afetam apenas os não vacinados.

O coordenador de resposta ao coronavírus da Casa Branca, Jeffrey Zients, explicou que “esta semana, apenas três estados – Flórida, Texas e Missouri, três dos estados com as taxas de vacinação mais baixas – foram responsáveis por 40% de todos os casos em todo o país”. “Pela segunda semana consecutiva, um em cada cinco casos ocorre apenas na Flórida. E dentro das comunidades, esses casos ocorrem principalmente entre pessoas não vacinadas”, constatou.

De acordo com os dados fornecidos por Zients, 99,5% das mortes e 97% das hospitalizações ocorreram entre pessoas não vacinadas.

Os Centros para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) assinalaram que, nacionalmente, 48,8% das pessoas estão totalmente vacinadas, mas alguns estados, como Alabama com 33,9% e Arkansas com 35,5% estão particularmente precisando obter uma taxa de vacinação alta o suficiente para retardar ou interromper o propagação do vírus.

Até agora, os Estados Unidos têm 34.400.655 de casos confirmados e 610.720 mortes, o maior número entre todos os países.

O recente aumento de casos e hospitalizações levou os Estados americanos do Texas, Flórida e Arizona a interromper os planos de reabertura da economia que, antes de estar em um quadro mais controlado de contágios e mortes, tinham tomado decisões precipitadas.

O Texas, que figura na vanguarda das medidas para aca-

bar com o isolamento social, assiste agora ao surgimento de milhares de novos casos, o que levou o governador republicano Greg Abbott, na sexta-feira (23), a ordenar o fechamento de bares e anunciar outras “medidas direcionadas” para reduzir o contágio.

“Está claro que o aumento de casos é motivado em grande parte por certos tipos de atividades, incluindo texanos reunidos em bares”, reconheceu Abbott, em comunicado, mas sem se referir à vacinação.

Na sexta-feira, a Flórida quebrou seu próprio recorde diário de novas infecções, relatando 8.942 novos casos. O recorde anterior foi de 5.508, na quarta-feira. O Estado agora tem um total de 2.523.510 casos registrados e 38.670 mortes.

Já o Arizona emergiu como outro epicentro da crise no país. Pesquisadores afirmam que o Estado “perdeu o controle da epidemia”, segundo o jornal The Washington Post.

O governador republicano Doug Ducey, que estava dando às empresas uma “luz verde” para a reabertura, agora teve que dizer que os cidadãos do Arizona estão “mais seguros em casa”.

A luz está “amarela”, disse Ducey na sexta-feira. “Estou perdendo aos cidadãos que procedam com cautela, que sejam mais lentos e olhem para os dois lados”.

Outros Estados, incluindo Alabama, Califórnia, Idaho, Mississippi, Missouri, Nevada, Oklahoma, Carolina do Sul e Wyoming, também registraram recordes diários no número de casos confirmados nesta semana.

O médico norte-americano Jerome Adams disse em uma coluna de opinião publicada no The Washington Post que o CDC “precisa revisar urgentemente sua orientação sobre o uso de máscara para combater o rápido crescimento de infecções de Covid-19 causadas pela variante delta.”

A Educação e a Cultura no Desenvolvimento Nacional

Sob o tema “Educação e Cultura como instrumentos para o desenvolvimento e a emancipação das consciências”, a Fundação Maurício Grabois, através da Cátedra Cláudio Campos, promoveu um debate sobre a Cultura e a Educação no Novo Projeto de Desenvolvimento Nacional. Durante cinco horas, algumas das melhores cabeças do país no assunto apresentaram diagnósticos, denúncias e propostas sobre o papel do Estado, a grande indústria cultural, a exclusão, o apagão do magistério, a desnacionalização e a privati-

zação da Educação.

Palestraram o maestro Marcus Vinícius, Diretor da Fundação Cláudio Campos e Presidente da Associação de Músicos, Arranjadores e Regentes (AMAR); o gestor de Políticas Culturais da Bahia, Javier Alfaya; a doutora em Educação pela Michigan State University, professora Maria Beatriz Luce; o ex-deputado Cesar Callegari, presidente do Instituto Brasileiro de Sociologia Aplicada, e a professora Madalena Guasco Peixoto, doutora em Educação pela PUC-SP.

Vamos ao debate.
CARLOS ALBERTO PEREIRA

EDUCAÇÃO E CULTURA: PILARES DE UM PROJETO DE NAÇÃO

O maestro Marcus Vinícius definiu Cultura e Educação da seguinte forma: “Cultura é aquele universo que está circunscrito às belas artes, à literatura, ao teatro, ao cinema e à música. Em suma, seria o universo tratado na esfera da sensibilidade, enquanto a Educação seria aquilo que estaria mais ligado à formação básica, ao estudo, aos símbolos e aos aprendizados básicos para o cidadão. Então, razão seria Educação, sensibilidade seria Cultura”.

Marcus Vinícius abriu a discussão: “Nos anos 70, o meu querido companheiro, hoje falecido, Chico de Assis, grande dramaturgo, membro do CPC – Centro Popular de Cultura -, autor do hino da UNE, com Carlinhos Lyra, sempre dizia: ‘a gente fala tanto em Cultura, mas qual é a cultura que a gente quer?’. E seguia, falando consigo mesmo – ‘quando eu falo em Cultura, falo pensando em determinados valores’. E indagava: ‘do que estamos falando, quando pretendemos defender a Cultura?’”

O ESTADO E A CULTURA

O maestro foi em busca das respostas. “Há quem diga que o Estado não pode se meter na produção cultural, que deve ser um indutor. Mas, já que é o Estado que dispõe das verbas públicas, cabe a ele usar estas verbas em favor dos projetos prioritários. Mais que tudo, é o Estado que deve indicar os caminhos para as prioridades culturais”. E definiu: “claro que isso tem que ser feito num grande entendimento com diversos setores da sociedade”.

Para Marcus Vinícius, hoje, grande parte do debate cultural em nosso país tem se dado em torno da alocação de recursos públicos em projetos privados. “Você não pode pegar esses recursos, que são públicos, e deixar em mãos de empreendedores privados que, na grande maioria dos casos, vão reproduzir aquilo que já está amplamente difundido pela grande indústria cultural. São recursos públicos servindo para realimentar projetos que os monopólios criam no domínio da indústria cultural”.

A conclusão do maestro é que “o Estado tem que ser formulador de políticas com base nas prioridades nacionais”.

O MONOPÓLIO PRIVADO

Para Vinícius, “com a tecnologia que dispomos hoje poderíamos ter a grande cinemateca e a grande discoteca do mundo, os grandes centros de documentação e memória de toda a humanidade. Estão hoje, pelo menos em tese, à nossa disposição. Isso, se eles

não forem açambarcados pelos monopólios, o que já começa a ocorrer. É o fenômeno chamado *buy out*. Alguém chega, geralmente um fundo ou um grande empreendedor, e diz: ‘eu vou comprar o teu catálogo ou teu repertório’. E *by out*, te paga e vai embora”.

“O controle do conhecimento e do saber vão para as mãos dos grandes capitalistas. Obras, repertórios, conteúdos, que circulavam outrora com certa liberdade, certa facilidade nos ambientes digitais, hoje já não se encontram, porque estão monetizados em mãos de grandes corporações”, disse o maestro.

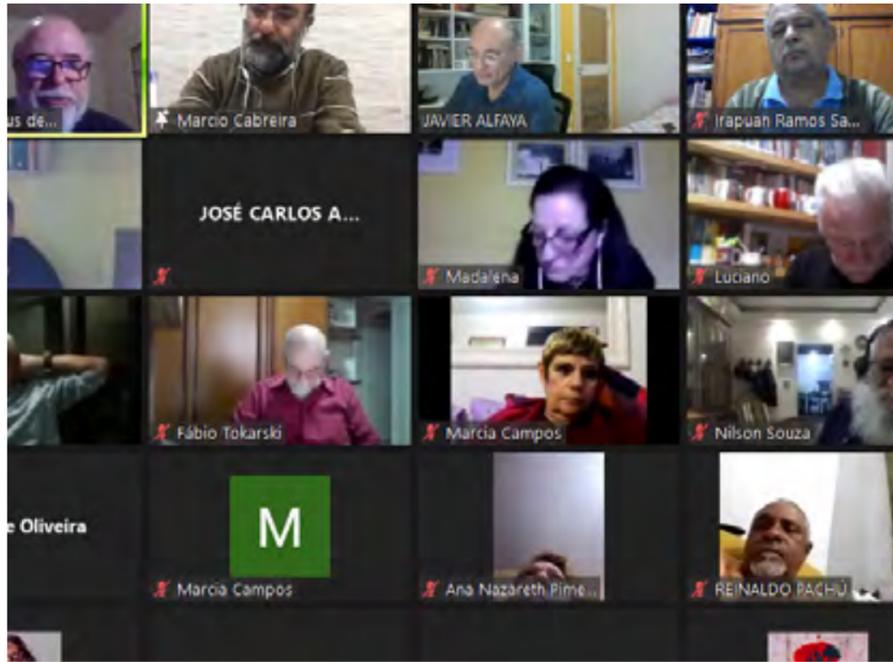
GETÚLIO VARGAS

Nosso palestrante citou a pesquisadora carioca Maria Angélica Ricci, que considera que o primeiro governo de Getúlio Vargas foi um marco para a implantação de políticas culturais no Brasil. “Ela chega a dizer que com Vargas a cultura se institucionalizou”. Ele observou que “Vargas mal chega à presidência da República, e nove dias depois recebe o grupo Oito Batutas – formado por Pixinguinha, Donga, entre outros grandes expoentes da música brasileira -, com uma petição de artistas da música solicitando apoio”. Marcus contou que foram atendidos prontamente e que “ficou estabelecido, a partir daquele momento, um novo tipo de relação entre o poder público e os artistas”.

O Maestro seguiu no relato afirmando que, “em 1932, o doutor GG (como era também chamado Getúlio Vargas) assina a primeira lei de apoio ao cinema brasileiro, atual cota de tela, aplicada ao setor dos documentários. Em 1936, ele criou o SPHAN, Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico Nacional (hoje IPHAN), atendendo a uma sugestão de Mário de Andrade e Gustavo Capanema, que em 1937 passou a integrar a estrutura do Ministério da Educação e Saúde”. E cita que, “no mesmo ano (1937), é criado o Serviço de Radiodifusão Educativa. Para tanto, teve ao seu lado o antropólogo Roquette Pinto e o cineasta Humberto Mauro. Cria ainda o Instituto Nacional de Cinema Educativo, o Instituto Nacional do Livro, o Serviço Nacional de Teatro e o Museu Nacional de Belas Artes”.

RÁDIO NACIONAL

O maestro conta como Getúlio conseguiu recursos para criar a Rádio Nacional. “Ele absorveu o patrimônio de um devedor do Estado brasileiro, o mega especulador Percival Farquhar, que explorava a área de ferrovias e minas, mas não gostava de pagar suas contas. O governo expropriou a fortuna do Percival Farquhar e constituiu a Rádio Nacional, dando início a um projeto



de radiodifusão pública. Foi dentro da Rádio Nacional que surgiu o que seria a época de ouro da música brasileira”.

Para Marcus Vinícius, esse afã do Dr. Getúlio não era só no campo da Cultura. “Ele fez a mesma coisa no campo da Educação”.

“No mesmo ano de 1930, criou o Ministério da Educação e Saúde, se cercando de gente como Anísio Teixeira, que foi chamado para remodelar o ensino básico, e outros colaboradores, como Fernando de Azevedo, Hermes Lima, Franco Peixoto e Cecília Meireles, que eram, nada mais nada menos, os signatários do famoso Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”.

ESTADO NOVO

Segundo Marcus Vinícius, o foco na cultura nacional não deixou de existir no Estado Novo. Ele lembrou a revista “Cultura e Política”, que abria espaço “tanto para ideólogos de direita como de esquerda, como Graciliano Ramos”. Conta que, “de 1937 a 1944, o governo Getúlio foi o principal amparo do projeto de educação do compositor Villa-Lobos”.

Segundo Marcus Vinícius, “aquele projeto visava levar à escola pública o conhecimento do repertório brasileiro das obras musicais da nossa tradição popular”. E disse, “quem tem mais de 60 anos deve lembrar que na escola primária e na escola secundária nós tínhamos aulas de canto. Eu me lembro de ter estudado música com Iberê Gomes Grosso, um dos grandes violoncelistas do Brasil. Guerra-Peixe também era professor, isso na escola primária e secundária, como se dizia na época”.

CULTURA POPULAR

O maestro esclareceu que “uma nova constatação se deu no país. Era a necessidade de discutir os rumos de uma cultura popular. Os rumos da educação popular”.

Afirmou: “lá no meu estado, Pernambuco, e na minha cidade, Recife, em seu primeiro ano na gestão da prefeitura, Miguel Arraes chamou e reuniu um grupo de intelectuais de reconhecida qualificação, entre eles, Hermínio Borba Filho e Ariano Suassuna, e chamou, principalmente, o mestre Paulo Freire, que quando viu o projeto do MCP (Movimento de Cultura Popular), disse: ‘põe o meu nome aqui. E, dentro do MCP de Pernambuco, começou a desenvolver o seu projeto de alfabetização. Uma das grandes conquistas dele foi ter conseguido alfabetizar 300 plantadores de cana no

prazo de 45 dias”.

Segundo o maestro, “não foi por coincidência que 1954, ano da morte de Getúlio, foi o ano que João Cabral de Melo Neto escreveu ‘Morte e Vida Severina’, que Nelson Pereira dos Santos filmou ‘Rio 40’, e Zé Renato, nosso grande Zé Renato, desaparecido há pouco, criou o Teatro de Arena de São Paulo”, considerou Marcus Vinícius.

Para ele, “a articulação exitosa da Educação com a Cultura, como pilares do projeto de nação, foi capaz de gerar, entre os anos 40 e o anos 60, talvez o mais rico momento cultural do Século XX. Era a Bossa Nova, a poesia concreta, a arquitetura, o teatro brasileiro, o Cinema Novo e várias outras manifestações culturais que fizeram a excelência e o reconhecimento internacional que o país teve”.

Marcus Vinícius concluiu afirmando que hoje responderia a Chico de Assis da seguinte maneira: “depois do que sofremos nos governos militares e agora na iminência desse proto-fascismo que nós estamos vendo se instalar no presente, eu diria para Chico de Assis quais são as palavras de ordem para a Cultura e para a Educação hoje, são três: Comida no prato – nós não vamos criar nenhum projeto de Cultura, nem de Educação enquanto estivermos assistindo a esse descalabro que é a fome no Brasil -, em segundo lugar, vacina no braço, e em terceiro, Fora Bolsonaro. Acho que são essas as palavras de ordem para a cultura brasileira hoje. Palavras de ordem emergenciais para atender uma circunstância que é emergencial. Então, gostaria que meu amigo Chico de Assis estivesse aqui para, talvez, pronunciarmos juntos essas mesmas palavras”.

INDÚSTRIA CULTURAL

Javier Alfaiya considera que “é preciso atualizar o conceito de nacional popular”. Para ele, não é correto tomarmos agora, em 2021, uma continuidade linear do conceito que o ISEB desenvolveu no final de 1960. E pontuou: “somos um país que nasce de uma grande miscigenação, nós já nascemos ecléticos e esse ecletismo nos permitiu gestar as bases da identidade nacional”.

Segundo Javier, o processo de globalização diluiu as fronteiras do nacional mundo afora, e impôs um circuito de mercadorias culturais muito vinculadas ao capital financeiro e à grande indústria cultural, hegemônica por grandes grupos monopolistas em escala planetária.

Como exemplo, lembrou que “a Sony é dona de saté-

lite, produtora de cinema e é dona de catálogos de música, como do Michael Jackson, por exemplo”. Ele asseverou que lutar pela identidade nacional e pelos interesses culturais da nação, dentro desse novo quadro, é um desafio.

Considerou que a Cultura tem que ser assumida com centralidade no novo projeto nacional de desenvolvimento. “Ninguém pensa em destruir o Ministério do Exército, ninguém pensa em substituir o Ministério da Saúde”. E questionou: “porque a Cultura pode ser Ministério e, dois anos depois, não ser mais Ministério?”

Segundo ele, “a disputa cultural nas décadas de 30, 40 e 50 era baseada no rádio e na palavra escrita. Os jornais tinham um grande papel. Era a indústria cultural clássica de discos e a indústria de cinema”. E que “hoje, a indústria cultural se assenta em tecnologia”.

“É a internet e as redes de computadores que determinam a circulação da produção cultural. Os processos vinculados ao mundo digital e à grande indústria cultural devem dar a qualidade da política de industrialização, dentro do Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento. É um assunto de primeiríssima grandeza”, avaliou.

Ele falou da diversificação da cultura brasileira: “das comunidades do Xingu ao maracatu de Pernambuco, às danças do axé, ao Carnaval da Bahia, até as danças do Rio Grande do Sul, enfim, temos uma variedade enorme de manifestações estéticas, populares”.

E exemplificou: “nós exportamos a Bossa Nova, a ‘Garota de Ipanema’ é a segunda música mais regravada no mundo, e Anitta é a compositora que mais vende, a quantidade de acessos ao YouTube chega à escala de dezenas de milhões, representa um tipo diferente de cultura, de arte, que não é, evidentemente, Tom Jobim, mas é cultura brasileira, com elementos bem brasileiros”.

Reafirmou que a nossa produção, consequentemente, também é muito diversificada. “Representa 1% do Produto Interno Bruto, 5,5 milhões de pessoas envolvidas e 320 mil empresas, desde a indústria da moda até o cinema, passando pelos grandes espetáculos, teatro de rua e pelo artesanato. Temos uma variedade muito interessante de produção, embora numa escala insuficiente. Das quase 5.800 cidades que existem no país, 9%, no máximo têm cinema”.

Segundo ele, “nossa identidade nacional diversificada amplia as nossas possibilidades culturais no exterior”. E lembrou que a hegemonia norte-americana foi consolidada



Seminário online “Educação e Cultura como instrumentos para o desenvolvimento e a emancipação das consciências” promovido pela Fundação Maurício Grabois, através da Cátedra Cláudio Campos

na Segunda Guerra Mundial. “Os Estados Unidos se consolidaram pela economia, pela presença militar, espalharam bases militares mundo afora, e pela presença cultural, vendendo para o planeta o chamado *american way of life*, estilo de vida norte-americano”.

Para Javier, “o cinema norte-americano, a música norte-americana, os produtos para televisão, publicidade, tudo isso influenciou o planeta inteiro e formatou uma situação favorável ao domínio estadunidense”.

E enfatizou que devemos ter “a nossa indústria cultural própria, desenvolvermos tecnologia digital própria para não dependermos tanto de uma comunicação, por exemplo, que passa 92% pela Califórnia”.

Para ele, “foi muito positivo, há poucas semanas, termos concluído o cabo que sai de Fortaleza, vai para Portugal e, depois, para Madrid, e de Madrid para outras cidades europeias e para o Norte da África”. “Foi uma iniciativa de Dilma Rousseff, que teve o aval dos militares, porque tudo o que nós fazemos, inclusive essa live agora pela internet, passa, necessariamente, pela Califórnia”, disse.

E prosseguiu citando a China: “em 2019, a direção do estado chinês definiu que a China tinha que apresentar o mundo a partir de uma visão positiva. Com isso, eles deram uma impulsionada na TV pública chinesa, que é a CCTV, que aqui no Brasil transmite conteúdo através de um convênio com a TV Bandeirantes, em São Paulo. Além disso, a China está diversificando a produção cinematográfica. Já fazem bons desenhos animados, séries policiais e de ficção científica. Está apresentando produtos culturais que podem disputar a preferência do grande público mundial”.

Por fim, Javier afirmou que “a Cultura tem que estar articuladíssima com o Ministério da Educação, com o Ministério da Ciência e Tecnologia, tem que estar articuladíssima com uma nova política democratizante de comunicação, e tem que ser articulada com o Turismo”.

“O Turismo emprega milhões de brasileiros, no Carnaval do Rio, no Carnaval de Salvador, no São João de Caruaru, de Campina Grande, na festa do Boi do Maranhão, no Círio de Nazaré, em Belém do Pará, nos festivais de Barretos, no interior de São Paulo, no interior do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, há uma série de manifestações que reúnem milhões de pessoas. Isso é Turismo”, afirmou. “Acréscito, ainda”, disse Javier, “uma parceria muito forte com o Ministério das Relações Exteriores, para nós podermos ter uma diplomacia que leve a nossa Cultura para o resto do mundo”.

Continua no site